

hal
ura



MANUEL AYRES FALCÃO MACHADO
DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA

14720

ESPOSENDE

MONOGRAFIA DO CONCELHO

Pode-se ir afoitamente a Esposende
porque com saúde ou sem ela, não nos
recebe mal a pitoresca Vila.

Joaquim Leitão
Da Academia das Ciências

Edição do Autor

ESPOSENDE

1 9 5 1

ESPOSENDE

MONOGRAFIA DO CONCELHO

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS
DA COMPANHIA EDITORA DO MINHO
BARCELOS

MANUEL AYRES FALCÃO MACHADO
DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA

ESPOSENDE

MONOGRAFIA DO CONCELHO



Edição do Autor

ESPOSENDE
1 9 5 1

*Destá obra fez-se uma tiragem,
em papel especial, de cem exemplares
numerados e rubricados pela autor.*

O CONCELHO

ESPOSENDE é concelho de 2.^a ordem administrativamente e de 3.^a para efeitos fiscais e judiciais. -Pertence ao distrito de Braga e província do Minho. Confronta do Norte com o concelho de Viana do Castelo, Sul com o da Póvoa do Varzim, Leste com o de Barcelos e a Poente é banhado pelo Oceano Atlântico.

O concelho é cortado por vários cursos de água: o rio Cávado que passa pelas freguesias de Fonte Boa, Gandra, Gemeses e Rio Tinto e vai desaguar no Oceano Atlântico; entre a Vila e Fão; e os ribeiros de Agro, Cantim, Casas, Chouso, Fonte Velha, Mourços, Pego, Pias, Rêgo da Obra, Pousadas, Rio Tinto, Pita e Sandiz.

Estende-se em grande parte pela faixa plana do litoral e acidenta-se a Nascente por elevações de pequena altitude: S. Lourenço, Castro, Faro, Cerca e Figueiró, donde se divisam admiráveis panoramas de terra e mar.

No litoral situam-se as freguesias de Antas, Belinho, Mar, Marinhas, e a da Vila de Esposende, Gandra, Fão, Fonte Boa e Apúlia, e no acidentado interior as de Curvos, Forjães, Gemeses, Palmeira do Faro, Rio Tinto e a montanha Vila Chã, perfazendo o número de quinze.

Na sua constituição geológica predomina o granito, sendo importantes e de boa natureza as suas pedreiras do Faro que, em parte, fornecem o litoral até ao Porto.

O solo de Esposende produz alguns metais, sendo, contudo, de limitada importância os seus jazigos.

A superfície do concelho é de 93,32 quilómetros quadrados.

Cabe ao concelho uma população de 20.777 habitantes, dos quais 1.624 formam o núcleo populacional da Vila.

A Apúlia, Fão e Marinhas têm, porém, maior população: 2.643 a primeira, 2.142 a segunda e 2.837 a última.

No concelho existem 5.037 fogos correspondendo a 4.997 prédios, cabendo 433 e 463 respectivamente à sede (Santa Maria dos Anjos). A Apúlia, Fão e Marinhas têm também maior número de fogos: 618, 609 e 595 respectivamente.

Climaticamente o concelho goza das condições do Minho litoral: temperatura amena, com média de 13 graus, ventos Noroeste e uma pluviosidade de 1.200 m/m, com humidade entre 68° a 82°. As pressões atmosféricas fixam-se entre 764 e 777 m/m. É clima marítimo.

O concelho é mormente agrícola.

São muito importantes as suas fainas do mar com a pesca — peixe e mariscos — e apanha do sargaço e mexoalho, que constituem uma excelente adubação para os campos.



Na apanha do Sargaço; homens e graciosas raparigas

O Concelho possui ainda florescente indústria de lacticínios — manteiga e queijo — que exporta para diferentes pontos do País, além de importantes indústrias de serrações de madeira e teares manuais de tecelagem de características mantas e outros artefactos de vestir e de casa, tamancaria, remos e vertedouros, cestos e esteiras de junco, etc.

Os produtos agrícolas são, como em todo o Minho Litoral, o milho, o centeio, a cevada, a aveia, o trigo, o feijão, o vinho e o linho, e, peculiarmente desta zona costeira, a batata em grande quantidade e as hortaliças. Há boas frutas. Nas freguesias do interior colhe-se algum azeite.

O concelho abasta-se, afora de milho, vinho e trigo, em produtos agrícolas.

Nas espécies florestais predomina o pinheiro.

A pecuária é importante, mormente bovina leiteira. Para defesa de seus interesses os lavradores criaram três associações de previdência — *bovinas* como lhe chamam — em que estão seguros os gados.

A da freguesia de Marinhas, deve a sua fundação aos Senhores P.^e Francisco Dias Cubelo Soares, José Félix Cardoso e José Inácio Lopes Rodrigues da Areia.

Esta já pagou aos seus associados indemnizações no valor de cerca de 200.000\$00 e, na ocasião da revista anual do gado, que costuma efectuar-se no mês de Abril, aproveita-se a oportunidade para se fazer uma feira e distribuir prémios a todos os que melhores exemplares apresentem.

Dignas de louvor são também as outras: a de Belinho, graças aos esforços de conterraneos, Senhores Manuel Fernandes Pereira, Manuel Afonso de Almeida, José Ribeiro Coutinho e P.^e Albino Alves Pereira; e ainda outra em S. Paio de Antas, devido aos benquistos filhos desta localidade Senhores Manuel Pereira Viana, P.^e António Dias Ferreira e Cândido Meira da Cruz, sendo actualmente dirigida pelos Snrs. José Gonçalves Pereira de Barros e Cândido Meira da Cruz.

O concelho é servido pelas estações do caminho de ferro de Barcelos, a 14 quilómetros, e da Póvoa de Varzim a 18. Tem também a servi-lo as carreiras diárias de camionetas entre Viana-Porto,

Marinhas-Porto, Esposende-Braga e, na quadra de verão, diárias entre Barcelos-Esposende.

O seu feriado municipal é em 15 de Agosto, dia de festa consagrada à Senhora da Saúde.

Aos sábados, da parte de manhã, realiza-se a Feira Semanal.

As principais romarias do concelho são a da *Senhora da Saúde*, nos dias 14, 15 e 16 de Agosto, na Vila; a de *S. Bartolomeu*, em Mar, nos dias 23, 24 e 25 de Agosto. É esta de grande tradição em toda a zona Norte. De *Santa Mariinha*, em Forjães, nos dias 17 e 18 de Julho; de *S. Lourenço*, em Vila Chã, nos dias 7 e 8 de Setembro; e no lugar da Barca do Lago, freguesia de Gemeses, no 1.º domingo de Agosto, esta romaria conhecida pelo nome de Festa dos Merendeiros, por toda a gente levar a sua merenda.

O NOME DE ESPOSENDE (Divagações etimológicas)

Divergem as opiniões sobre a origem da palavra *Esposende*.

O local onde existe a Vila, fora nos seus primeiros tempos, habitado por vários povos e dentre estes os romanos que aqui possuíam boas propriedades. E porque o dono de uma delas se chamara Espanozindo, alguns escritores filiam a sua origem justamente naquele vocábulo.

O P.º António Gomes Pereira, chama-lhe *Spanosendus* e no «Portugal Monumenta Histórica» obra que sob a direcção de Alexandre Herculano foi editada pela Academia de Ciências de Lisboa, aparece, de facto, a forma *Spanozindo*, nos «Diplomata et Cartae», doc. n.º 64.

Nas «Inquirições», de D. Afonso III, 1258, figura também a povoação de *Esposendi*.

Segundo José Leite de Vasconcelos, *Esposendi* vem directamente de *Spanozendi* que por sua vez é genitivo possessivo de *Spanozendus*, variante de *Espanozendus*.

O historiador vianês Figueiredo da Guerra, baseado na obra do filólogo alemão Mayer Lübke apresenta-no-la como *Espanozindos*, palavra derivada de *sendas* ou *sinds*, que, em godo, significa *fonte*.

O abalizado filólogo P.^o Arlindo Ribeiro da Cunha, (*Acção Católica*, 1941, págs. 340), diz que a palavra Esposende significa *caminho*. (Sendo, do gótico *stinks*) hispanico *espo*, do latim (lbi) Spanu.

Segundo este mesmo filólogo, Esposende foi nome posto pelos suevos aos portos das grandes vias onde os povos do interior afluíam para negociar.

RESENHA HISTÓRICA

NADA se sabe ao certo da primitiva localização de Esposende. Julga-se que os romanos se tenham estabelecido na foz do Cávado e aqui tivessem montado estaleiros navais.

Muitos escritores são de opinião que o primitivo povoado de Esposende estivesse situado um pouco mais a Leste do local onde, actualmente, se ergue a Vila e que esta tenha desaparecido por motivo de algum fenómeno geológico ou cataclismo marítimo.

Dizem que devia ter demorado pelo alto do Faro. É esta a opinião que mais defensores tem.

O que parece provado é o Cávado ter a sua primitiva foz nos chamados Cavalos de Fão (1).

Martins Sarmiento, insigne arqueólogo, afirma que próximo da Vila havia uma mamoa. A existência do lugar designado por Anta, na freguesia das Marinhas, deixa-nos crêr a verdade desta afirmação.

Contador de Argote também se refere a uma mamoa junto de Esposende.

Só a partir de 1258, Esposende aparece em autênticos documentos históricos, isto é, nas *Inquirições*, mas simplesmente como lugar da freguesia de S. Miguel de Zopais ou Cepães, hoje Marinhas, pertencendo às Terras do Neiva, depois ao Julgado do Neiva, pelo que beneficiava do seu foral manuelino, e, mais tarde, no termo e comarca de Barcelos e

(1) Penhascos um pouco afastados da costa, cuja designação querem atribuir ao facto de, quando as tropas cartaginesas de Aníbal desembarcaram para a conquista de Braga, se ter afundado aí um navio com cavalos que ficaram moldados naqueles penhascos.

jurisdição do duque de Bragança, pertencendo à Ouvidoria de Viana da Foz do Lima, hoje Viana do Castelo.

Tinha dois capitães subordinados ao capitão-mor e ouvidor de Barcelos, a cuja Ouvidoria mais tarde havia de passar.

Segundo alguns escritores o êxodo de população da freguesia das Marinhas (então S. Miguel de



Um pescador esposendense

Zopais ou Cepais) para as margens do Cávado, junto da foz, a fim de se dedicar à pesca e navegação, deu origem à Vila de Esposende.

Nada garante esta afirmação e é de supor que esses escritores se tenham baseado na hipótese da vila ter sido lugar da freguesia de S. Miguel de Zopais ou Cepais, cuja sede se mudara para a actual Marinhas.

É natural o êxodo da população desta e outras freguesias

para a vila de Esposende, porto e praia, tanto mais que em 1572 havia já na actual sede do concelho elevado número de embarcações de alto-bordo em largo e distanciado tráfego marítimo comercial.

Também é de presumir que Esposende provenha do antigo couto da Apúlia.

O senhorio de Esposende andou anexo ao condado de Neiva e Faria, mas D. João I confiscou-o

a D. Gonçalo Teles de Meneses, irmão de D. Leonor Teles, para o dar a D. Nuno Álvares Pereira, de quem passou a seu genro D. Afonso, 8.º conde de Barcelos e 1.º duque de Bragança, filho bastardo do monarca da Boa Memória. Daqui resultou que o condado de Neiva e Faria e o senhorio de Esposende fossem integrados na Casa de Bragança.

Aquele simples povoado com poucas e modestas habitações rapidamente se desenvolveu e embelezou, transformando-se num dos mais progressivos e aprazíveis lugares, pois conseguiu ter três importantes estaleiros onde se construíam embarcações de grande calado, que demandavam os mares em todas as direcções.

Foi tal o incremento que a gente esposendense pediu a D. Manuel que lhe desse foral próprio, tendo este despachado favoravelmente a petição para se transformar o lugar em vila. Porém, como o procurador do lugar de Esposende tivesse falecido, a petição perdeu-se — talvez nisto estivessem interessados os de Barcelos — e o foral manuelino nunca mais foi dado.

Em 1560 o lugar de Esposende teve a visita pastoral de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, arcebispo de Braga, que verificou a necessidade que havia de se criar uma freguesia eclesiástica. Decorridos seis anos já nos aparece como tal e com pároco colado.

Só mais tarde, por carta régia de D. Sebastião, de 19 de Agosto de 1572, é que foi elevada à categoria de vila, separando-se da jurisdição dos antigos corregedores de Barcelos e constituído o novo concelho com freguesias desanexadas daquele.

A gente de Esposende representava ao monarca dizendo que «havendo no lugar Alfandega e oficiais dela» não tinha escrivão nem tabelião nem outro official de justiça e a respectiva jurisdição judicial estava em Barcelos, duas léguas muito grandes. Contudo a povoação de Esposende «por ser porto de mar» possuía «setenta para oitenta navios grandes e muitos pilotos e homens do mar», o que era confirmado pela investigação feita pelas autoridades da Vila de Barcelos que indicaram o número preciso de setenta e quatro navios de alto bordo a que chamavam cara-

velas» além de trezentos e setenta vizinhos marreantes.

E a carta régia concede deferimentos nestes termos :

« . . . hei por bem e me aprás de fazer Vila o dito lugar de Esposende, e quero que daqui em diante para sempre se possa chamar e chame Villa de Esposende, e a tiro e apartado de qualquer sujeição e superioridade, que a dita Villa de Barcelos nele tem sem embargo de quaisquer privilégios e posse que em contrário haja por quanto por os ditos respeitos e por lhe fazer mercê o hei assim por bem, e lhe dou por termo distancia de meia legua em circuito — 7 — de Esposende para a parte do norte até S. Bartolomeu do Mar, e d'ahi direito a Villa-Chão, S. Claudio e Gemeses, e d'ahi até o rio Cávado, no qual limite de meia légua há seis freguesias que teem setecentos vizinhos, e esta mercê que assim faço á a dita Villa de Esposende não prejudicará em cousa alguma as doações do Duque nem ao Alcaide Mor da Villa de Barcelos, e o dito alcaide mor terá na dita villa de Esposende os direitos que até agora tem. »

O antigo concelho de Esposende teve Juiz com três Vereadores e Procurador do Concelho, de eleição trienal do povo, por pelouros, a que presidia o Ouvidor de Barcelos, por esta Vila ser do duque de Bragança, Escrivão dos Órfãos, Escrivão da Câmara e Almotaçaria, dois Tabeliães, tudo provido pelo mesmo duque, com excepção do Juiz da Alfândega e o do Escrivão que era o Rei que os provia.

Em 1762 Esposende figura já como vila na Ouvidoria de Barcelos.

Nos anos de 1807 a 1809, como se lê nos «Anais do Município de Esposende», fizeram-se importantes melhoramentos no seu porto.

As obras foram feitas sob a direcção intelligente e incansável do engenheiro Custódio José de Vilas-Boas, que, sob a acusação de jacobino, foi assassinado em Braga.

Ingratamente o povo instigado por inimigos políticos desse engenheiro incendiou, em Espo-

sende, a casa de tão insigne propugnador pelos interesses da Vila.

Estas obras paralizaram durante as invasões francesas com a entrada de Soult no Norte do País.

Em 1811, Esposende tinha juiz de fora posto continuasse a pertencer à Comarca de Barcelos e provedoria de Viana, em regime de donatária da Casa de Bragança.

Em 1821 era concelho na divisão eleitoral e continuava a pertencer à Comarca de Barcelos com as freguesias seguintes: Curvos, Esposende, Gandra, Gemeses, Mar, Marinhas, Palmeira do Faro e Vila Chã, 983 fogos e 4.432 habitantes; e no ano de 1826 concelho na mesma comarca, mas com as mesmas oito freguesias e 1.023 fogos, sendo 307 na vila.

Em 1832, concelho na comarca de Barcelos; em 1835 concelho no julgado de Barcelos e em 1836 concelho na comarca de Barcelos e distrito administrativo de Braga, com 2893 fogos. Em 1842 concelho no mesmo distrito com as seguintes freguesias: Antas, Apúlia, Belinho, Curvos, Esposende, Fão, Fonte Boa, Forjães, Gandra, Gemeses, Mar, Marinhas, Palmeira do Faro, Rio Tinto, Vila Chã, e 2441 fogos, tendo a vila 320.

As freguesias de Antas, Belinho, Fonte Boa, Forjães, Fão e Rio Tinto, foram desanexadas do concelho de Barcelos. Apúlia havia sido concelho próprio, couto do arcebispo de Braga.

O concelho de Esposende estendeu-se, nessa data, até à margem esquerda do rio Neiva e, para o Sul, ultrapassando o Cávado, alargara-se até às freguesias da Estela, que é o limite divisório do concelho da Póvoa de Varzim e Rio Tinto.

Ainda hoje no concelho se verificam estas limitações.

Em 15 de Julho de 1848, o presidente do Município de Esposende enviou à rainha D. Maria II uma representação pedindo que na barra se fizessem obras, visto os restos do hiato «Bom Jesus», afundado ali, impedirem consideravelmente o tráfego.

O governo de 1867, em face da importância do porto de Esposende, fez publicar um decreto lançando um imposto sobre todas as mercadorias impor-

tadas e exportadas pela barra, abrangendo também a lotação dos navios.

As verbas cobradas destinavam-se à aplicação exclusiva dos melhoramentos a efectuar no porto. Infelizmente tal não aconteceu, pois a maior parte das somas arrecadadas foi aplicada em estudos, projectos e em alguns trabalhos preliminares de pouca valia. A guarda da outra parte foi confiada aos cofres do Estado e teve aplicação diferente.

A revolução de 1868, fez que também fossem interrompidas as obras e o imposto continuou a vigorar durante mais alguns anos.

Em 1880 reataram-se de novo os trabalhos de desaçoreamento da barra.

No dia 16 de Dezembro 1886 foi criado o Julgado Municipal.

Em 27 de Outubro de 1898 criou-se a comarca judicial de Esposende.

Em Agosto de 1917, e quando Portugal tinha entrado na primeira Grande Guerra, o almirante Leote do Rêgo apresentava ao Parlamento uma proposta para que o pessoal dos Estaleiros Navais de Esposende, fosse mobilizado para a construção da Marinha de Guerra e Mercante. Pelo que se conclui que a importância da construção naval de Esposende era invejável.

Em 1930 o concelho de Esposende contava 4.119 fogos e 7.797 habitantes, pertencendo à Vila 366 fogos e 1.557 habitantes.

A barra de Esposende, teve, em tempos idos, grande importância não só por no seu porto haver inscritos cerca de 80 navios de alto-bordo, muitas lanchas e outros barcos, como também pelo seu considerável movimento de importação e exportação.

Nos seus estaleiros navais construíram-se embarcações de grande calado.

Apesar da barra já açoreada, ainda há poucos anos havia largo movimento fabril de navios de cabotagem; porém, esta indústria desapareceu.

No porto de Esposende acham-se registadas, actualmente, 3 embarcações a motor de pesca costeira, de 5 toneladas cada uma; 313 barcos a remos, de pesca local e 150 para a apanha do sargaço e colheita do mexoalho.

A VILA

A Vila de Esposende fica situada em uma plana extensão de terreno que, quase na sua totalidade, forma o concelho do mesmo nome, região ribeirinha limitada ao Norte pela freguesia de Marinhãs, ao Sul pelo rio Cávado e freguesia de



Vista aérea da Vila de Esposende

Gândra, ao Nascente pela freguesia de Palmeira e lugar de Goios (Marinhãs) e a Poente pelo Oceano Atlântico.

Fazendo parte da zona marítima que podemos figurar por um triângulo, cujos vértices assentam na

Póvoa de Varzim e nas cidades de Braga e Viana do Castelo, acha-se no limite da ubérrima região minhota da Beira-mar e na margem direita do rio Cávado.

Está situada na longitude de 15' e latitude oriental de 41°, 31" do meridiano de Lisboa.

Fica a 35 quilómetros a Oeste da capital do distrito, a 20 de Viana do Castelo, a 52 do Porto, a 179 de Coimbra, a 399 de Lisboa, a 14 quilómetros de Barcelos, a 55 de Guimarães e a 37 de Vila Nova de Famalicão.

A Vila tem estação télégrafo-telefone-postal, de 3.^a classe, com serviço de valores declarados, encomendas postais, cobrança de títulos, vales, letras, e caixa-económica-postal; escolas primárias com seu delegado-escolar, e, para cultura e desenvolvimento intelectual da mocidade, possui um estabelecimento de ensino secundário, denominado «Infante de Sagres», com cursos liceal e comercial para ambos os sexos, delegação da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, casas bancárias e de seguros, associações desportivas, uma corporação de bombeiros voluntários, posto da G. N. R., posto alfandegário, delegação marítima e hospital da Misericórdia.

O actual orago da Vila é Nossa Senhora dos Anjos, mas antes fora Nossa Senhora da Graça.

A Vila tem as seguintes ruas:

Rua Narciso Ferreira, Largo Sacadura Cabral, Rua da Amargura, Rua Dr. José Maria de Oliveira, Avenida Barros Lima, Rua 15 de Agosto, Praça do Município, Rua 1.º de Dezembro, Largo Rodrigues Sampaio, Rua José de Alpoim, Rua Vasco da Gama, Avenida Dr. Henrique de Barros, Avenida Rocha Gonçalves, Avenida Engenheiro Duarte Pacheco, Avenida Salazar, Rua de S. João, Avenida António Pascoal, Avenida 5 de Outubro, Largo da Ribeira, Rua Dr. Lopes Cardoso, Rua Conde de Castro, Rua da Nogueira, Largo dos Bombeiros Voluntários, Rua Tenente Valadim, Largo Dr. Fonseca Lima, Rua Manuel Viana, Rua Conde de Agrolongo, Rua Rodrigues de Faria, Rua General Roçadas, Largo To-

más de Miranda, Rua João de Freitas, Travessa da Cadeia, Travessa do Estaleiro, Largo do Estaleiro, Travessa dos Pescadores, Rua António Abreu, Rua Luís de Camões, Rua Barão de Esposende, Largo Marquês de Pombal, Rua 31 de Janeiro, Rua da Central e Largo do Pelourinho.

Esposende, na foz do Cávado, é uma encantadora Vila e uma excelente praia de banhos, que com tanto acerto apelidaram de Suave-Mar.

De facto é não só praia de repouso como de cura, especialmente recomendada para clorose, anemia, escrofulose, debilidade e raquitismo.

O Suave-Mar-Hotel, aberto todo ano, mesmo na quadra invernososa, visto a praia ser limpa de nevoeiros, proporciona boa e confortável estadia a banhistas e turistas.

A denominação do hotel é deveras sugestiva.

Pelas suas admiráveis condições climáticas e de segurança está projectada para muito breve a construção de uma colónia balnear.

A Vila de Esposende, que necessita dum plano de urbanização condigno, está contudo a remodelar a sua traça, construindo novos arruamentos e arranjando outras ruas. Possui alguns edifícios dignos de apreço e atraentes recantos locais.



Vigia do Castelo e bração da Vila

O largozinho do Município com o edificio dos Paços do Concelho e o da Misericórdia com o seu adro lageado, revestido de gradeamento, é, em verdade, aprazível trecho de estética cidadina.

Os Paços do Concelho, constituem um edificio curioso mas descaracterizado.



Edifício dos Paços do Concelho

Deve caber a princípios do século XVIII, porém de manifesta traça seiscentista: os arcos redondos da alpendrada aberta na frontaria, os baixos de menos pé direito do que o andar nobre corrido de varandas, as grades de seiscentos, mas com as vergas acurvas a denunciar dezoitismo. Cobriram-no a telha de

Marselha e substituíram-lhe o característico beiral saliente por uma platibanda e o arredondado de beirado que cobria as armas, muito barrocas, elevando em seu lugar pequeno ático de molduragem curva em que colocaram o relógio e encimaram pelo sino próprio.

Nos ângulos da platibanda que corre as fachadas principal e lateral colocaram-lhe vasos em vez de típicos pináculos seiscentistas.

O templo da Misericórdia sofreu obras que lhe diminuíram as características, denotadamente as fachadas principal e lateral e sobretudo os seus pórticos, com colunas de fustes delgados e denticulos de decoração a dar-lhe aspecto de construção funerária, de capela de cemitério.

É natural que a primitiva construção seja de finais do século XVI ou começos de seiscentos.

Interiormente, consta de uma só nave e o que sobreleva nesta igreja é principalmente a *Capela dos Mareantes*, quinhentista-renascentista, cujo arco triunfal abre sobre o lado do Evangelho, a meio do corpo do templo.

O teto desta capela é de caixotões com figuras de madeira em relevo, representando os 12 profetas.

É revestida de azulejos azuis e brancos em losangos (árabes ou andaluzes?) e de seis tábuas quatro das quais de cerca de 1,40 por 2 metros representando cenas da Paixão de Cristo.

Também o retábulo em talha policroma do altar-mor representa a Crucificação com as figuras da Virgem e do Discípulo Amado, de Jesus na Cruz — um Cristo lívido e anatómico chama a atenção. Dos lados do retábulo exibem-se, em nichos, figuras do Velho Testamento. Talha e esculturas merecem interesse, bem como as tábuas que, apesar da frouxidão da luz, se poderá antever serem apreciáveis pinturas quinhentistas.

No altar da Capela-mor estadeia-se largo painel, em tela, com a Senhora da Misericórdia, pintura presumivelmente dos fins do século XVI ou princípios do seguinte e de interesse também.

O *Pelourinho* foi reconstruído. Do início é o seu fuste molito com os velhos ferros das justiças,

que se eleva sobre base lavrada e se encima de remate decorativo com as Cruzes de Cristo e a esfera armilar.

É provável que a sua situação tivesse sido em frente dos Paços do Concelho.

A Matriz de Esposende foi capela de invocação de Nossa Senhora antes de passar no reinado de D. Sebastião a paroquial, pois que então os esposendenses necessitando de maior igreja a aproveitaram.



Entrada da Vila pelo lado Sul

A Matriz é igreja ampla de três naves e quatro tramos sem cruzeiro mas com ábside e absídiolos. Pela sua traça denota-se ser construção quinhentista já da renascença — pelos largos arcos redondos — embora modesta. A capela-mor tem abóbada de caixotões e os absídiolos menos extensos do que a ábside mostram ter sido construídos posteriormente à principal cabeceira.

O Templo é coberto de teto de madeira.

As fachadas — a igreja encontra-se isolada — exteriorizam architectura do século xvii.

Documentos confirmam que a igreja começou a construir-se no século xvi e só foi terminada no período seguinte.

«Continuavam as obras no fim do século xvi porquanto Filipe II (III de Espanha) concedeu em 1591 prorrogação do imposto de dois ceitis em cada quartilho de vinho vendido na Vila e seu termo por espaço de mais cinco anos à Câmara de Esposende para continuarem as mesmas obras» (1).

A talha da capela-mor e dos cinco altares do corpo da igreja é dos séculos xvi e xvii.

Azulejos revestem as paredes da capela-mor.

Mais tarde, em 1896, ameaçando ruína, fizeram-se obras; e no decurso delas se achou no supedâneo do altar-mor uma pedra datada de 1566.

Será, portanto, quinhentista a capela embrião desta igreja, senão mesmo anterior ao século xvi. Demais sabe-se que por 1583 se faziam nela enterramentos. Dessa data é o jazigo de Gaspar Barros da Costa, que foi Cavaleiro-fidalgo e almoxarife da Alfândega de Esposende e capitão-mor da Vila.

A *Capela da Senhora da Soledade*, construção barroca, por certo de setecentos, tem sobretudo celebridade votiva.

Acha-se em curioso recanto junto da variante da estrada nacional e possui pitoresco adro arrelvado e arborizado com o seu coreto em pedra. Af se realiza importante romaria nos dias 14, 15 e 16 de Agosto.

Na rua de S. João há uma capela sob invocação deste Santo.

É de interessante architectura e data de 1699.

A porta principal é encimada por um óculo e do lado esquerdo tem uma sineira com um sino.

Interiormente possui apenas um altar e o tecto abobadado é de estuque.

Defronte desta capela está um cruzeiro com data de 1660.

(1) Documento transcrito por Sousa Viterbo no *Diccionario dos Architectos*, Vol. 2.º, apensos, pág. 440 e extraído da Torre do Tombo, chancelaria de D. Filipe II, liv. 21, fol. 48 v.º.

Casa típica do século XVIII é a do Grémio da Lavoura.

O Hospital, denominado «Valentim Ribeiro», sob invocação de S. Manuel é administrado pela Misericórdia e foi estabelecido em 1866 no seu actual edifício. Data a sua fundação do séc. XVI.

É bastante amplo, com boas enfermarias e alguns quartos particulares.

Funciona graças aos rendimentos do legado do benemérito esposendense Manuel Pedro da Silva.



Castelo e farol

O primitivo edifício do hospital esteve instalado na casa onde hoje se encontram a Conservatória do Registo Civil e a Cadeia.

Para defender a Vila das invasões dos piratas que infestavam os mares, mandou D. Pedro II construir um pequeno castelo que se encontra hoje em ruínas.

Defronte desta fortaleza houve um farolim que, com o decorrer dos anos, deu lugar ao esplêndido farol acústico que hoje possui.

Pinho Leal, no «Portugal Antigo e Moderno», refere-se à existência de uma Biblioteca Municipal.

A Vila é abastecida apenas por uma fonte pública, construída em 19 de Agosto de 1859. Tem duas bicas.

É atravessada pelos ribeiros designados do «Rego da Obra» e da «Pita», ambos afluentes do Cávado e que servem de lavadouros à população.

A Vila possui um Clube Fluvial, fundado em 1906.

A 17 de Março de 1912 fundou-se a Associação Industrial e Comercial que, em virtude do actual sistema corporativo, deu lugar ao Grémio do Comércio.

Em 1916 foi inaugurado o Teatro Clube.

A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários data do ano de 1917.

A luz eléctrica foi inaugurada em 1927, os telefones em 6 de Janeiro de 1931.

Neste mesmo ano um grupo de moradores da Vila criou o Clube Recreativo Esposendense.

O grupo local de futebol, denominado «Esposende Sport Clube», foi fundado em 1 de Maio de 1948.

A abertura do novo troço da estrada Porto-Viana do Castelo, já concluído, e ainda a projectada avenida da beira-mar, é de esperar que tragam incalculável progresso a Esposende e provoquem novas construções, aumento de comércio e indústria, valorização de terrenos, etc.

Presumivelmente, pois, Esposende transformar-se-á, em futuro próximo, num importante centro piscatório e de turismo, único no distrito de Braga.



Vila — Hospital Valentim Ribeiro

A SUA GENTE E CULTURA INTELECTUAL

ESPOSENDE tem sido berço de alguns personagens ilustres, destacando-se, entre todos a figura do político e jornalista António Rodrigues Sampaio, a quem a Vila ergueu um monumento ; e o Dr. João Caetano da Fonseca Lima, jornalista, figura de destaque na política republicana, tendo exercido o lugar



Vila — O monumento a Rodrigues Sampaio

de governador civil do distrito, presidente da Câmara, onde muito se fez sentir a sua acção em proveito do concelho.

Depois, sobressaiem as do denodado P.º Jerónimo Gonçalves Chaves, conhecido nas letras por «Chaves Coupon», jornalista e grande defensor dos inte-

resses locais, incansável propugnador pela construção dum porto bem apetrechado nos Cavalos de Fão, o jornalista José da Silva Vieira, etnógrafo e benemérito da instrução, o inspector escolar e publicista Manuel Boaventura, o cônego Manuel Martins Cêpa, autor das monografias de Alvarães e S. Bartolomeu do Mar, o conde de Madimba, P.^e Anselmo Boaventura Rego, jornalista e o P.^e Manuel Sá Pereira, ilustre presidente do Município que muito tem pugnado pelo engrandecimento do concelho.

Presentemente destaca-se entre os esposendenses, embora não seja natural do concelho, o notável escritor António Correia de Oliveira, insigne poeta nacional, o mais lírico de todos os da actualidade portuguesa.

A velha e nobre Universidade de Coimbra fê-lo Doutor honoris causa, em justa homenagem da Nação.

Publicaram-se os seguintes jornais: «A Brisa», 1886, que reapareceu em 1892 com nova numeração e que, no seu início, foi publicação apensa à «Revista do Minho», de Barcelos; O «Esposendense», cujo 1.^o número saiu em 22 de Março de 1887 e deixou de publicar-se em 15 de Setembro de 1945; «O Progressista», que iniciou a sua publicação em 17 de Dezembro de 1890; «O Progresso», que se publicou desde 16 de Setembro de 1889 a 25 de Janeiro de 1900; «O Povo Esposendense», cujo 1.^o número saiu em 24 de Julho de 1892; «O Novo Cávado», que se publicou desde 16 de Março de 1924 a 14 de Março de 1926; «O Coiveiro», jornal humorístico, que saiu sempre sem data e «O Cávado», que apareceu em 15 de Julho de 1917 e ainda continua.

A bibliografia referente ao concelho é limitada, salientando-se o livro intitulado «Esposende, e o seu concelho», da autoria do Dr. Teotónio da Fonseca, 1936.

FREGUESIAS

ANTAS (S. Paio)

ESTA freguesia fica a 9 quilómetros da sede do concelho. Antigamente abrangia a Vila de Azevedo, ao Norte, e a Vila de Antas, ao Sul, a confinar com a propriedade de Belinho.

É servida pela estrada de Viana do Castelo-Porto, que a atravessa e pela que, vindo de Forjães, cruza com aquela e vai findar no lugar da Guilheta, junto à foz do rio Neiva. A praia da Guilheta faz parte desta freguesia. Uma tradição local diz que o sítio onde está a praia de banhos se chamava no seu princípio *Ilheta*, pequena ilha, donde veio o nome da actual praia.

Tem três fontes públicas: Piscos, Asenha e Lago.

Confronta: pelo Norte com o rio Neiva, Sul com Vila Chã e Belinho, Nascente com Forjães e Poente o Oceano Atlântico.

Devido ao seu nome vários historiadores supõem que a povoação tenha sido habitada por celtas, em razão de estes darem o nome de *anta* às colunas e pilares levantados perpendicularmente e que estavam à entrada dos Templos; e outros afirmam que o nome deve provir dos latinos por estes chamarem *antas* aos marcos grandes e às penedias ou cabeços que ficavam defronte das povoações ou castelos, ou ainda porque apelidavam de *antae* as colunas grandes e quadradas que ornavam e guarneciam as entradas das suas habitações.

Há também quem considere *antas* como *aras*. Aras eram as pedras em que os antigos faziam os seus sacrifícios.

A freguesia de Antas aparece nas *Inquirições* de 1220, com a designação «De Sancto Pelagio de Antis», em terra de Nevia; e nas de 1258, 1.^a Alçada, se diz: «In parrochia Sancti Pelagii d'Antas».

Diz-se nas *Inquirições* que os moradores de Antas eram obrigados todos os anos, no mês de Março, a levar giestas para cobrir as barracas que se faziam dentro do castelo de Neiva e também a fornecer os ovos e mantimentos aos homens que guardavam aquele castelo.

A primitiva Igreja Paroquial parece ter estado no lugar dos Cotos, na Agra do Relógio, e que parte dela, segundo uma tradição local, foi aproveitada para a construção do mosteiro dos Templários. Após a extinção desta Ordem, passou o cenóbio a ser propriedade dos Maias e, mais tarde, dos marqueses de Fontes.

Ainda hoje existe um lugar conhecido pelo nome de Trás do Mosteiro.

Nuns campos conhecidos pelo nome de Redondos, acharam-se há anos alguns cacos de tégula e vários outros objectos, assim como apareceram vestígios de ter havido ali uma povoação antiga.

No cimo do Monte da Cividade, em frente à Casa de Belinho, há também sinais de ter existido ali uma povoação antiga.

Ainda hoje se podem admirar restos de uma muralha e duas casas de forma circular, descobertas pelo poeta António Correia de Oliveira que também descobriu uma fibula completa, que no tipo e decoração é igual a uma das de Terroso e de Briteiros.

O arqueólogo Martins Sarmiento refere que nesta freguesia existiram moinhos de mão vulgares nas nossas estações pré-históricas, *antas* e *antelas*.

APÚLIA (S. Miguel)

FICA situada numa extensa planície, na parte Sul do concelho, de cuja sede dista 6 quilómetros.

É limitada ao Norte pelas freguesias de *Fão* e *Fonte Boa*; ao Sul pela de *Estela*, do concelho da *Póvoa de Varzim*; a Nascente pela de *Barqueiros*, do concelho de *Barcelos*, e ao Poente pelo Oceano Atlântico.

A freguesia é banhada pelos ribeiros da «*Fonte Velha*» e de «*Mouriscos*», que na mesma nascem e pelo de «*Pousados*», que nasce em *Laundos*, do concelho da *Póvoa de Varzim*. Durante a época invernosa, a água destes ribeiros é aproveitada para mover azenhas.

A freguesia é atravessada pela estrada *Viana-Porto* e por outra que a liga a *Barcelos*.

É terra muito fértil, sobretudo de batatas, hortaliças, alhos, cebolas, feijão e milho.

Por sua vez a praia é abundante em peixe.

Apesar de ser das maiores freguesias do concelho, tem apenas quatro lugares habitados: *Areia*, *Criaz*, *Igreja* e *Paredes*.

Era uma reitoria da apresentação do arcebispo de *Braga*, mas no livro das *Visitações* de 1683 já figura como priorado.

O nome de *Apúlia* foi-lhe dado pelos romanos, pelas semelhanças com a antiga *Apúlia* italiana, o que nos demonstra ter sido fundada por eles.

Por corrupção, muita gente das proximidades ainda hoje lhe chama *Pulha* ou *Couto da Pulha*.

Segundo informação do distinto jornalista *Padre Cândido Lima das Eiras*, actual prior desta fre-

guesia, parece que, dentro dos limites actuais da Apúlia — ao menos em parte — houve outrora uma importante *Villa romana*, conhecida pelo nome de Villa Menendiz (Villa de Mendo) que pertenceu ao Convento de Tibães.

Esta povoação, existente nos princípios da Monarquia, foi completamente arrasada e coberta pelas areias, não ficando dela quaisquer vestígios. Escavações recentes puseram a descoberto algumas paredes que deveriam ter sido de casas de habitações.

Segundo a tradição, era daqui oriundo S. Félix que se venera na sua capela no alto dum monte, sito em Laundos.

Foi, logo no princípio da nacionalidade, couto do Arcebispo de Braga, ao qual também andava anexo o de Baçar, na freguesia de Barqueiros, concelho de Barcelos, que fica a 3 quilómetros a Este.

O couto da Apúlia era governado por um Juiz Ordinário, que simultâneamente era também dos Órfãos e dois Vereadores, Procurador, Escrivão e Meirinho, de eleição trienal do povo. A esta eleição vinha presidir o Ouvidor do Prelado.

No lugar da Igreja, ainda se vê a casa onde funcionava a Câmara, o Tribunal e a Cadeia. Esta era no rez do chão. Ao lado deste prédio vê-se outro, bastante arruinado, que dizem ter servido de *Paço* ao Ouvidor do Arcebispo. Defronte destas casas ficava o Pelourinho e, um pouco mais a Nascente, erguia-se a forca.

Nas *Inquirições* de D. Afonso II, 1220, a freguesia era designada «De Sancto Michaelli de Pulia», — sublinhe-se o Michaelli a lembrar italianismo — nas Terras de Faria.

Há também quem afirme que entre esta freguesia e a de Fão existiu uma outra chamada *Paredes* onde ficava, no lugar da Agra dos Mouros, a igreja paroquial da mesma freguesia da Apúlia.

A freguesia de Paredes foi extinta e a esta anexada.

A primitiva Igreja Paroquial, porque ameaçasse ruína, foi, em 1696, substituída por uma outra; e, no mesmo sítio, foi construída a actual, em 1945.

Na Igreja há uma interessante custódia, estilo renascença.

No dia 8 de Maio realiza-se aqui a importante festa de S. Miguel.

A freguesia tem as seguintes capelas: *S. Bento*, no lugar de Criaz, fundada em 1665; *Nossa Senhora do Amparo*, no mesmo sítio, do século XVIII, bastante ampla e bem delineada; aqui, no 1.º Domingo de Setembro se faziam exorcismos e rezas *para afugentar do corpo de certos crentes o Diabo que constantemente os importunava*; a da *Senhora da Caridade*, no lugar da Igreja e que data de 1881; a da *Senhora da Boa Viagem*, e que data de 1889; a da *Senhora da Guia*, onde no último Domingo de Agosto se realiza concorrida romaria e a da *Senhora de Lourdes*, todas no lugar da Areia.

Referem alguns escritores que na Apúlia houve vestígios de uma antiga vala ou *esteiro*, cuja construção atribuíam aos romanos e pela qual, segundo a tradição, entrava o mar bem como barcos que transportavam o ouro das minas que, por aqui, se dizia haver, até ao porto de Fão; e daqui passavam para navios de grande calado, seguindo, assim, o seu destino. Hoje, ninguém acredita em tal versão. Há na verdade, por aqui minas, não de ouro, como querem, mas sim de antimónio que, em tempos idos e ainda hoje tem certo valor.

Além destas minas há sinais de outras em várias freguesias dos concelhos vizinhos. Corre no povo que em tempos passados a exploração do ouro se exerceu por aqueles sítios.

Os romanos para imporem a dominação desta região ao seu império, coroavam as cristas dos montes e outeiros circunvizinhos com povos seus; e a Apúlia devia ter sido a porta de comunicação daqueles com a sua pátria.

E era natural que assim fosse, por esta freguesia ficar próximo da foz do Cávado, não muito distante de Braga, sede dum *convento jurídico*, para que os dominadores aproveitassem aquela via de comunicação marítima com a capital do Império.

Existe nesta freguesia uma lagoa com 900 metros de comprimento, de forma circular, e cercada

de juncos a que o povo chama *oleiros*. Na lagoa, havia, ainda há poucos anos, um abundante canavial que fornecia os fogueteiros de toda a região minhota.

Para abastecer de água a população há apenas uma fonte pública, conhecida pelo nome de Fonte de Nossa Senhora.

Acerca desta fonte conta-se a seguinte lenda:

O lavrador João António de Sá, desta freguesia, comprara num leilão em Vila do Conde, em 1770, a Maria Teresa de Aguiar (a Rabeca) a primitiva imagem de Nossa Senhora do Amparo. Ao regressar com ela, descansou no areal, e pediu a Nossa Senhora que lhe desse uma fonte para matar a sede quando fosse ao sargaço.

Cansado, adormecera. Ao acordar notou que, aos pés da imagem de Nossa Senhora, aparecera uma fonte da qual brotava água muito cristalina.

Ao chegar a casa, disse à mãe *que era muito surda*; «*apegue-se com esta Senhora que é de muitos milagres*». No dia seguinte, de manhã a velhota *ouve cantar os galos no poleiro*.

Estes milagres fizeram crescer a devoção do povo a tal ponto que, em breve, as esmolas recebidas deram para a construção da capela da Senhora do Amparo.

O Arcebispo D. Gaspar de Bragança, tomando conhecimento dos muitos milagres operados, ordenou às autoridades eclesiásticas que tomassem conta da imagem, iniciando-se logo (talvez em 1775) a construção da capela.

Até há poucos anos atribuíam à água desta fonte, entre outras virtudes, a de *beneficiar os exorcismados que a bebessem*.

A Apúlia tem uma aprazível praia de banhos, muito conhecida na região nortenha. Está situada num lugar alegre, sendo o mar, devido ao pouco declive da praia, muito sereno.

Esta encantadora praia teve início numas pequenas e modestas casas que se construíram para os banhistas que vinham de Barcelos e doutros pontos. Actualmente, devido à grande concorrência de veraneantes, fizeram-se importantes edificações, trans-

formando-se a praia numa das mais frequentadas do Minho.

Um pouco ao Norte da praia de Cedovém, houve um facho que, de noite, se mantinha aceso e que os seus moradores eram obrigados a guardar, devidamente armados, por causa dos piratas.

A Apúlia tem duas colónias balneares, uma denominada « Sá Carneiro » e a outra « Mocidade Portuguesa Feminina ».

No lugar de Criadaz fica a Estação Radiogoniométrica Aero-Naval dependente do Ministério da Marinha.

BELINHO (S. Pedro Fins)

ESTA freguesia fica a 7 quilómetros da sede do concelho e é atravessada pela estrada de Viana — Porto.

É plana e oferece-nos um atraente panorama sobre o mar e a freguesia de Castelo do Neiva.

Confronta pelo Norte com a freguesia de Antas, Sul com a de Mar, Nascente com a de Vila Chã e do Poente com o Oceano Atlântico.

Em Belinho há cinco fontes públicas: *Ferreira, Cima, Baixo, Infesta e Paço Redondo*.

A Igreja Paroquial foi construída em 1897, mas em 1922 e 1925 sofreu diversas obras.

O vigário era da apresentação da Sé de Braga e tinha de cõngrua 1.800 réis o que, com os restantes rendimentos paroquiais, perfazia anualmente o total de 150.000 réis.

Há aqui as seguintes capelas: *Nossa Senhora da Guia*, no cume do monte do Castro; *Santo Amaro*, no lugar do mesmo nome e onde, em 15 de Janeiro, é costume realizar-se uma romaria; e a de *S. João*, pequena, construída em cantaria, sendo no interior cercada de bancos de pedra, e o seu tecto, em abóbada de canhão.

O primitivo orago da freguesia foi S. Félix, nome que mais tarde, por corrupção, passou a denominar-se S. Fins e depois S. Pedro Fins.

A palavra Belinho vem do genitivo *Belini*, do nome próprio *Belinus*. Tudo isto nos leva a supor

que os romanos do Lácio tenham povoado estes sítios.

D. Afonso Henriques doou em 1135 a igreja de S. Félix de Belinho ao arcebispo de Braga, D. Paio Mendes.

Nas *Inquirições* de 1220, aparece com a designação «De Sancto Felice de Belino», de Terras de Nevia; e nas de 1258, 1.^a Alçada se diz: «in parochia Sancti Fiiz de Belino».

Nestas *Inquirições* diz-se que o rei tinha aqui trinta e dois casais e meio e que os moradores davam, tivessem ou não, 225 moios de trigo, ataleigados. E que todos os desta vila sendo serviçais e mordomos deviam levar aquela renda aonde os mandassem dentro de todo o termo do Neiva e guardar os presos do castelo.

Do lado nascente desta freguesia, no conhecido monte Castro ou S. Fins, vêem-se interessantes penedos com perfurações, cavidades e nichos e a meio da encosta uma gruta onde podem recolher-se, bem à vontade, cinco pessoas. Além desta gruta há uma outra junto da capela de Nossa Senhora da Guia. Isto permite supor que o monte tenha sido habitado por antigos povos.

A freguesia pertencia à Casa de Bragança, o que é atestado ainda hoje em vários sítios por marcos com as armas dos duques do mesmo título.

No sopé do monte do Castro existiu outrora a vila de Sanfins, que depois se juntou a Belinho.

Por toda esta faixa litoral, abundam os productos hortícolas e nela se cria gado bovino e ovino.

CURVOS (S. Cláudio)

FICA situada num vale e o seu nome provém da grande curvatura em que assenta.

Os rios Cávado e Neiva passam-lhe próximo.

Esta freguesia confronta do Norte com a de Vila Chã, do Sul e Poente com a de Palmeira do Faro e do Nascente com a de Vila Cova, do concelho de Barcelos.

Banha-a o ribeiro de Sandriz, que nasce aqui e vai desaguar no rio Cávado.

A freguesia é servida pela estrada da Barca do Lago-Barrozelas e pela que vindo de Vila Cova vai cruzar com aquela.

Segundo as *Inquirições* de D. Afonso II, 1220, tinha a designação «De Sancto Croio de Curvos, de Terras de Nevia»; e nas de 1258 se diz «in parochia Sancto Croio de Curvos».

Esta freguesia foi antigo couto, como se lê das *Inquirições*, de 1258.

Em 28 de Julho de 1397 D. Fernando I mandou dar em pagamento a Gonçalo Velho a Terra de Curvos que, então, pertencia ao Almoxtarifado de Ponte de Lima.

Quanto à provedoria, Curvos era da comarca de Viana do Castelo; e quanto à Ouvidoria era da comarca de Barcelos e termo de Esposende.

Os moradores desta freguesia tinham a obrigação de fazer a ramada ao rei ⁽¹⁾.

(1) Fazer a ramada ao rei era deitar no fundo dos rios ou dos poços ramos de árvores para que o peixe subindo a eles fosse mais facilmente apanhado.

Houve em Curvos umas casas onde o rei pousava quando por ali passava. Contudo não se sabe — tão poucas seriam as passagens reais — o lugar em que as casas ficavam. Tanto a estas como à obrigação de fazer a ramada se referem as *Inquirições*.

A freguesia era pertença da Coroa, apesar de grande parte ficar dentro das demarcações da Casa de Bragança e a esta pagar muitos foros.

Uma tradição popular diz que entre esta freguesia e a de Palmeira do Faro existiu uma outra, denominada de Santa Eufemia, que era composta pelos lugares de Vilar e de Sousã. Aquele hoje pertencente a Curvos e este a Palmeira do Faro.

A mesma tradição quer que a primitiva imagem de Santa Eufemia, padroeira da antiga freguesia deste nome, tenha sido levada para a Igreja Paroquial de Palmeira do Faro. De facto, nesta igreja venera-se uma imagem de Santa Eufemia, que o povo diz *ter sido pintada muitas vezes*, porém conservando sempre a sua primeira cor.

As *Inquirições* não fazem qualquer alusão à existência da freguesia de Santa Eufemia, embora se refiram ao lugar de Vilar como fazendo parte de Curvos; a tradição quer que a freguesia tenha desaparecido antes de 1220, em virtude de uma peste que dizimou todos os seus moradores.

A Igreja Paroquial data de 1874. É de arquitectura simples e modesta. No ângulo do lado direito da igreja e ligada a esta está a capela do *Senhor dos Passos*, que data de 1904, possuindo apenas um altar com a imagem do seu patrono.

Existe ainda a capela de *S. Torquato* e *S. Miguel*, interessante pela singeleza das suas linhas. Fica num pequeno terreiro sobranceiro à estrada que vai de Vila Cova à Barca do Lago, daqui seguindo para Barrozelas.

O vigário era da apresentação do tesoureiro-mor da Colegiada de Barcelos e percebia a renda anual de 70.000 réis.

Tanto Curvos como Vilar foram reguengos do rei. E a este ou ao Senhor da Terra tinham os seus habitantes obrigação de fornecer lenha para seu consumo.

FÃO (S. Paio)

NA margem esquerda do Cávado e não distante da Vila de Esposende fica situada esta antiquíssima e aprazível freguesia que, segundo rezam velhos documentos, foi fundada muito antes de Esposende, havendo até quem afirme que a fundação desta data de muitos séculos depois.

A origem da palavra Fão vem de *Fanum*, templo, possivelmente por ter existido ali algum, consagrado aos deuses pagãos.

Diz-se terem sido seus fundadores os celtas, por 984 anos antes da era de Cristo.

No século x o lugar de Fão pertencia a D. Flá-mula, sobrinha da condessa Mumodana, que, em 997, o legou, juntamente com Vila do Conde, ao Mosteiro beneditino vimaranense.

Fão foi senhorio de Rui Pereira, que fora procurador do Mestre de Aviz e seu companheiro na conjura contra o conde de Andeiro.

Mais tarde Rui Pereira cedera a terra de Fão com todos os seus direitos e haveres a Gonçalo Nunes de Faria, o bravo defensor do Castelo de Faria, por carta que foi presente ao rei D. João I, de 10 de Agosto de 1385, para que ele revogasse a doação que da dita terra fizera a Gonçalo Vasquez Barroso, o que, de facto, succedeu.

Por carta de 14 de Outubro de 1409, D. João I transferiu e incorporou Fão no Julgado de Faria, fazendo dela doação a seu filho D. Afonso, conde de Barcelos e depois 1.º duque de Bragança, passando assim o senhorio de Fão para esta Casa.

Apesar de Fão se encontrar dentro da Terra de Faria, tinha a Jurisdição de Guimarães.

Uma tradição local quer que grande parte da povoação antiga esteja soterrada nas areias do rio Cávado. E certos escritores pretendem que Fão tivesse sido a cidade romana de *Águas Celenas*, nome derivado do rio Celeno, cidade, ao tempo, de considerável importância.

O *Agiológio Lusitano* (tomo 3.º pág. 627) cita duas cidades denominadas de *Águas Celenas*, ambas na Galiza. Porém é de notar que no século XI a Galiza se estendia até à margem direita do rio Douro, o que permite supor que Fão fosse uma dessas cidades *celenas*, e a outra tivesse existido no local onde hoje se ergue a cidade de Barcelos.

O que parece provado é que em 66 Fão já era cidade porquanto a 12 de Abril desse ano foram nela martirizados os santos Crispulo e Restituto.

A importância desta localidade é demonstrada pelo facto de uma das cinco vias romanas que conduziam a Braga terem tido seu início nesta freguesia.

Fazem-se no *Inventários das Herdades e Igrejas de Guimarães* (ano de 1059) referências à Vila de Fão junto do mar e foz do Cávado, com suas salinas e igreja de S. Paio.

A história religiosa menciona que nesta localidade se realizou em 402, um concílio presidido por D. Turibio e não por D. Paterno, arcebispo de Braga — corrija-se — para condenar as doutrinas Priscilianas, consideradas gnósticas e manicheas, oriundas de Espanha e impregnadas de grande panteísmo e que existiram desde o século IV até ao século VI.

Alguns historiadores referem que na barra de Fão se carregavam navios de oiro para os cartagineses e romanos e que no seu porto esteve fundeada uma esquadra comandada por Anibal, que desembarcou soldados para a conquista de Braga e seu território.

Antes da fundação da nacionalidade existiam em Fão consideráveis marinhas de sal. Delas saiu, em 1160, o dizimo dado pelo nosso primeiro monarca aos frades do Convento de Nossa Senhora da Abadia, em Santa Maria de Bouro.

O açoreamento do rio não só provocou o desvio da foz mais para o Norte, como também fez desaparecer as salinas cuja constante inundaçào não permitia a solidificaçào da água.

A freguesia assenta em terreno arenoso. Esta circunstância tem levado a crer que o mar passasse para além dela e que a primitiva povoaçào tivesse demorado pelo Crasto de Rio Tinto.

Logo que a foz do Cávado, como de resto a toda a costa ocidental da Península, começou a afluir povo estranho, que vinha comerciar com os indígenas, é natural que este mesmo povo se fixasse na planície e aqui se estabelecesse, fundando as suas colónias; e que, pelo contrário, os indígenas se fixassem junto às povoações castrejas nos cumes dos montes. E deste modo se pode concluir que Fão descenda do castro de Rio Tinto, bem como Esposende do de S. Lourenço.

Barros, na sua *Geografia* de 1549, menciona, entre outros, Fão como um bom porto de mar.

Diz que aí se construíram bastantes navios de grande e pequeno calado e que os seus habitantes eram peritos na arte de navegar.

Os direitos da barra originaram um pleito entre a antiga Vila de Fão e a de Esposende. Acerca deste assunto diz-se que não foi a presumível anti-guidade de Fão que a colocou na situação de vencedora, mas sim por nesse tempo, a barra do Cávado se encontrar no meio dos *Cavalos de Fão*—penhascos que correm de Norte a Sul, umas vezes à flor de água e outras submersos pelo mar e que são de sobejo conhecidos pelos navegantes.

Devido ao açoreamento, este porto natural só é acessível, presentemente, a barcos de pequeno calado.

Pinho Leal, no *Portugal Antigo e Moderno*, diz que os *Cavalos de Fão* já eram conhecidos dos romanos que lhes chamavam «Promontório Avaro»; mas na *Nova Corografia de Portugal*, lê-se que aquelas pedras impediam a acostagem de navios e que não é muito possível que os romanos tivessem feito base naval na foz do Cávado, no local em que está Fão. Nesse sítio não há vestígios de ter existido qualquer povoaçào latina, acrescenta.

O mesmo escritor rebate a hipótese duma estação naval dos romanos, baseando-se em que ela só seria plausível se o rio se estendesse até aos *Cavalos de Fão* e estes fossem um bom ancoradouro.

A localização dos *Cavalos de Fão* favorece o estabelecimento e construção de um seguro porto de abrigo para os pequenos barcos de pesca em ocasião de tempestade.

Um pouco ao Norte da praia de banhos, em frente dos Cavalos de Fão, há um sítio conhecido por *Lanchas*, onde os pescadores podem varar as suas pequenas embarcações, quando a barra de Esposende está impraticável.

O fraco declive da sua praia de banhos dá-lhe inúmeras condições de segurança.

Para o interior levantam-se as dunas.

A praia está ligada à freguesia por uma boa estrada, frondosamente sombreada e que parte da avenida da Ponte.

A *Igreja Matriz*, sob invocação de S. Paio, possui alguns altares com estimada obra de talha dourada, esculturas e objectos de culto.

A Igreja do *Senhor Bom Jesus*, importante construção com larga cantaria, possui esculturas e talhas de merecimento e é rica também de alfaias e paramentos que foram oferecidos por fãosenses cujos retratos se encontram na galeria existente numa sala lateral da igreja. Entre estes sobressai o do rei D. Luís I que, mercê das benesses concedidas ao templo, era o juiz perpétuo da Confraria, possuidora, por esse facto, de título de real.

A tradicional romaria do Senhor Bom Jesus, realiza-se na Páscoa, afluindo grande número de romeiros, vindos não só dos concelhos limítrofes, como até do Alto-Minho.

A Igreja da Misericórdia ergue-se ao lado do hospital. É de aspecto grave, mas quer interior quer exteriormente, não tem quaisquer ornatos. Os seus altares são interessantes trabalhos de talha e as esculturas correctas.

A irmandade desta igreja parece ser anterior a 1600; por uma Provisão de 1601 foram-lhe con-

cedidas as mesmas prerrogativas que tinha a de Lisboa.

O seu primitivo hospital já funcionava em 1630.

O actual, sob invocação de S. João de Deus, foi construído por subscrição da freguesia e da colónia fãosense no Brasil, que contribuiu com importantes verbas. É um edificio bastante amplo e está bem localizado.



Fão — Igreja do Senhor Bom Jesus

Sobranceira ao mar vê-se a capelinha de *Nossa Senhora da Bonança*, cuja festa se realiza no dia 10 de Setembro e junto a esta se encontram as ruínas dum pequeno castelo que alguns dizem ter servido de presidio.

Fão confronta do Norte com o rio Cávado, do Sul com a freguesia da Apúlia, do Nascente com a de Fonte Boa e do Poente com o Oceano Atlântico. Está situada a 2 quilómetros a montante da foz do rio Cávado, na margem esquerda, e

dista 3 quilómetros da sede do concelho, à qual se encontra ligada por uma ponte metálica que foi construída em 1891, sob a direcção do engenheiro francês Reynaud. A importância do custo desta obra foi de 120.000\$00.

Fão teve juiz pedâneo, feito por eleição anual do povo, à qual vinha presidir um representante da Câmara de Barcelos, sob a sujeição de quem estava. O juiz e adjuntos faziam os almotáceis. Tinha escri-



Fão — Escolas Amador de Campos

vão das sisas e imposição da Casa de Bragança, que cobrava um peixe por cada cinco, o que dava para aquela Casa um rendimento anual superior a setecentos mil réis.

Era pertença da Casa de Bragança, que apresentava o vigário, o qual percebia a renda de 120.000 réis anuais.

Na indústria de doçaria, Fão prima pelos seus excelentes pasteis « *Clarinhas* ».

Uma das indústrias mais curiosas da freguesia é a de finos e artísticos bordados em roupa branca para senhora.

Junto à ponte há uma importante fábrica de serração de madeiras e moagem.

Houve aqui duas fábricas de cal que, em grande parte, abasteciam os distritos de Braga e Viana do Castelo e o concelho da Póvoa de Varzim.

A indústria de cordoaria, era importante, e nela trabalhava grande número de operários.

Desde o dia 1.º de Janeiro até ao Domingo de Páscoa é costume armarem-se redes para a pesca dos sáveis, lampreias, trutas, robalos, etc., operação esta que dá pelo nome de estacada.

A freguesia é abundante em milho, trigo, cevada, aveia, centeio, feijão, hortaliças, linho, cebolas e alhos. É muito pouco produtiva de vinho.

Em Fão existem duas agremiações de recreio: o Clube Fãosense, fundado em 1900, e a Sociedade de Recreio Fãosense.

Nesta freguesia publicaram-se os seguintes jornais: « O Fãosense », « Notícias de Fão », « Ecos de Fão », « Ecos da Beira Mar » e « A Cruzada ».

FONTE BOA (S. Salvador)

ESTA freguesia fica a 5 quilómetros da sede do concelho.

Está situada numa planície, na bacia hidrográfica do Cávado.

Confronta do Norte com o rio Cávado e a freguesia de Fão; do Nascente com a de Rio Tinto; do Sul com a de Apúlia e do Poente com esta a de Fão.

Tem uma única fonte pública, no lugar do Couto.

É servida por uma derivação da estrada Viana-Porto. Tem os seguintes lugares: Agra, Cima de Vila, Cruz, Eiros, Extremadouros, Lapela, Lugar de Baixo e Matelinho.

Nas *Inquirições* de D. Afonso II, vem ela com o nome «De Sancto Salvatore de Fonte Mala», nas Terras de Faria.

A esta freguesia estiveram anexadas a de Lapela (Santa Maria), também denominada Alapela e a de Barqueiros (S. João Baptista). Aquela uniu-a, em 1542, o arcebispo de Braga, D. Frei Bartolomeu dos Mártires, à de Fonte Boa. Pertencia ao Padroado dos Duques de Bragança, mas o primeiro duque deste título, D. Afonso, trocou-a, em 5 de Julho de 1459, pelas dos padroados das Igrejas de Santo André de Mereces, de Barcelinhos, e de S. Paio de Carvalhal, ficando o arcebispo com as de S. Fins do Tamel e Lapela.

A antiga vila de Lapela foi reguengo do rei e com excepção de quatro moradores que eram servi-

çais de Fão os outros tinham que dar um frango e vinte ovos para puderem apascentar os gados naquele reguengo.

A freguesia de S. João de Barqueiros foi, até 1834, vigairaria anexa a Fonte Boa, sendo o abade quem apresentava o vigário.

No sítio conhecido pelo Crasto existem as ruínas dum castelo, cuja construção é atribuída aos romanos.

Num outro local, denominado de *Poço da Batalha*, diz-se ter havido uma renhida batalha entre mauritanos e cristãos.

Pondo-se aqueles em debandada até um ribeiro afluente do rio Cávado, terminaram por ser derrotados e, devido ao muito sangue que correu, ficaram tingidas as águas do ribeiro, pelo que a este foi dado o nome de Rio Tinto.

No sítio dos Picoutos, próximo do rio Cávado, estiveram acampadas as tropas francesas aquando da segunda invasão. Neste mesmo local encontraram-se há anos algumas sepulturas, tijolos, vasos de barro cadinhos e várias moedas, sendo uma delas do tempo do imperador Maxêncio, o que é indício de terem estado aqui os romanos.

A sua Igreja Paroquial esteve nos primeiros tempos no Campo do Espírito Santo, mas com a junção das freguesias de Fonte Boa e Lapela os seus habitantes mudaram-na para o local onde hoje existe, por ficar mais perto das casas.

Em 1700, foi reformada e alargada um pouco para Norte.

Como em 1701 estivesse aquela Igreja muito arruinada, os paroquianos reconstruíram-na.

Em 1831, porque o torreão se encontrava em ruínas, foi mandada erigir uma torre. E em 1905 foi nesta colocado um relógio, a expensas da Confraria do Sacramento.

O templo interiormente é bem iluminado por amplas janelas e suficientemente espaçoso.

O Cruzeiro Paroquial, com capitel corintio, encontra-se junto à estrada municipal, onde foi colocado, quando se fez a transferência da Igreja. Em 1875 o seu pedestal e o fuste foram substituídos.

No Tombo de 1549 era designada por Fonte Má e em 1589 por Fonte Boa, dizendo-se que a mudança do nome se deve ao facto de as águas terem melhorado.

Alguns escritores dizem que a denominação de Fonte Má deve atribuir-se à má pronúncia da palavra *Mar* e não à qualidade das águas.

De facto, nos seus primitivos tempos, a freguesia designava-se de *Fonte Má*, mas, quando da visita pastoral de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, este prelado mudou-lhe o nome para Fonte Boa (1).

Tanto o Rico Homem como o Mordomo pernoitavam aqui na casa onde quisessem.

O abade era da apresentação do Ordinário e tinha 110.000 mil réis de rendimento anual.

(1) Outrotanto aconteceu com a freguesia de Vilar de Paraiso que nos primeiros tempos se chamou Vilar do Inferno.

FORJÃES (Santa Marinha)

FICA situada a 8 quilómetros da sede do concelho, no pendor do monte de Figueiró, estendendo-se até à margem esquerda do rio-Neiva, que a banha.

É atravessada pela estrada de Viana do Castelo-Barcelos e pelo ramal Fragoso-S. Paio de Antas, que liga com a estrada Viana do Castelo-Porto.

Correm nesta freguesia os ribeiros de *Pias*, que nasce no lugar das Forçadas, da freguesia dos Feitos, do concelho de Barcelos e do *Chouso*, que nasce na freguesia de Vila Chã. Ambos vão desaguar no rio Neiva.

Tem duas fontes públicas: Forjães e Casainho.

Confronta do Norte com a freguesia de Alvarães, do concelho de Viana do Castelo; do Sul com a de Palme; do Nascente com as de Fragoso e de Aldreu, sendo estas três do concelho de Barcelos e do Poente com a de S. Paio de Antas.

Sobre a etimologia da palavra *Forjães*, diz o P.^e António Gomes Pereira que tanto pode derivar de *forja*, com o sufixo *ães*, como denotar o colectivo, sítio de forjas, ou ainda poderá vir de Vila Forjanis, significando quinta do snr. *Forja* ou *Furja*, nome próprio gótico.

O historiador vianês Figueiredo da Guerra é de parecer que Forjães vem de *Vila Froiani*.

Alguns escritores dizem que a medieva *Vila Forjanis* devia ter sido no lugar denominado Aldeia,

visto ainda hoje haver ali um sitio conhecido por Fim de Vila e onde, primitivamente, esteve a igreja paroquial.

Nas Inquirições de 1220, aparece com a designação «De Sancta Marina de Frogiaes» de Terra de Nevia.



forjães — Igreja Paroquial

Tanto a Igreja Paroquial como as Escolas Primárias são decoradas de painéis de azulejos assinados pelo saudoso e notável artista Jorge Colaço.

Tem esta freguesia as capelas seguintes: *Nossa Senhora da Graça*, no lugar da Santa, de 1673, pequena e baixa, com uma sineta, possuindo apenas um altar em talha antiga e uma pequena sacristia; *S. Roque*, no lugar do Cerqueiral, fundada em 1600 e reformada em 1871, bastante modesta, com um só altar e possuindo um pequeno coro; *Senhora da Boa Sorte*, no monte do Branco,

pequeníssima, construída em 1919; *Senhora da Abadia ou S. João*, pequena, mas toda em cantaria.

A principal romaria da freguesia, dedicada à padroeira, realiza-se nos dias 17 e 18 de Julho.

O vigário era da apresentação do D. Abade beneditino do mosteiro de Palme e percebia 70.000 réis.

Há aqui uma importante fábrica de serração de madeiras, indústrias de remos e vertedouros, cestos e esteiras de vêrga, tecelagem manual de linho e de mantas.

No lugar de S. Roque realiza-se aos sábados uma feira muito concorrida não só pela gente do concelho como dos limitrofes.

Nesta feira transacionam-se importantes quantidades de hortaliças e cereais, assim como galináceos, ovelhas e cabras.

A terra é fartamente produtiva em todos os géneros agrícolas.

É nesta freguesia que fica a Quinta de Curvos, com interessantes cascatas e grutas artificiais, jardins, etc.

GANDRA (S. Martinho)

FICA na margem direita do rio Cávado, a 2 quilómetros de Esposende e é servida pelas estradas Porto-Viana e Esposende-Braga.

Confronta do Norte com a freguesia de Marinhas, do Nascente com Gemeses, do Sul com o rio Cávado e do Poente com este rio e Esposende.

Alguns escritores opinam que a primitiva freguesia da Gandra devia ter demorado pelo sítio conhecido pelo nome de Casaído.

É irrigada pelo ribeiro de Casas, que toma este nome por aqui nascer e que vai desaguar no Cávado.

Tem duas fontes públicas: Fontela e Gandra.

Nesta freguesia houve fornos de cal que abasteciam o concelho.

É nesta localidade que fica o monte conhecido pelo nome da Forca, local onde antigamente se levantava a de Esposende.

Gandra quer dizer planície estéril e inculta.

Todavia, sendo uma das mais pequenas freguesias do concelho produz cereais, algum vinho e sobretudo batatas, hortaliças, alhos e cebolas.

Nas Inquirições de 1220 figura com a designação «De Sancto Martino de Gandera», nas Terras de Nevia e nas de 1258 como «in parrochia de Sancto Martine de Gandera».

Nestas *Inquirições* diz-se que os moradores desta freguesia tinham por obrigação dar ao guarda do castelo do Neiva, no dia de Páscoa, dois ovos por cada lar.

Parece que a primitiva igreja paroquial se situava no lugar que hoje denominam por Olival e que no

século xvi fora mudada para o local onde hoje se encontra, por motivo do seu estado ruinoso.

Depois da mudança da igreja foi o seu primitivo terreno vendido a um particular que mandou arrancar as oliveiras que ali havia e proceder a escavações para arroteamento do mesmo terreno para fins de cultura. Nestas escavações apareceram construções antigas e ossadas humanas o que leva a crer que a freguesia tenha sido habitada por celtas, romanos e outros povos mais.

A respeito da mudança desta igreja conta-se que ao transportarem a pedra em carros de bois partira o eixo o que ia à frente, impedindo a passagem dos restantes. Isto fez crer que o desastre se dera por vontade de Deus e que seria neste mesmo lugar que Deus desejava a construção da igreja. Assim se fez.

A igreja, é toda de cantaria, em estilo românico, possuindo interessantes altares com obra de talha e várias esculturas.

Cerca-a um pequeno adro.

Numas escavações há pouco feitas foram encontrados dois machados enoelíticos. Estes machados remontam aos mais primitivos períodos da humanidade, 2.500 anos antes de Cristo.

Isto vem demonstrar, ao contrário do que pensam muitos historiadores, que estes sítios foram habitados pelos primeiros povos que vieram para a Península.

Nesta freguesia há apenas uma capela sob invocação de Nossa Senhora de Guadalupe. Fica no lugar do Souto.

GEMESSES (S. Miguel, Arcanjo)

ENCONTRA-SE junto à estrada de Esposende-Barcelos, na margem direita do rio Cávado, distando 5 quilómetros da sede do concelho.

A freguesia é servida pela estrada que vai do lugar da Barca do Lago a Barrozelas, concelho de Viana do Castelo e por dois ramais, indo um para Perelhal, concelho de Barcelos e outro até ao rio Cávado.

Confronta pelo Norte com as freguesias de Palmeira do Faro e de Vila Cova, esta do concelho de Barcelos; pelo Sul com o rio Cávado; Nascente com as freguesias de Perelhal e Vila Cova, ambas do concelho de Barcelos; e do Poente com a de Gandra.

Fica situada numa planície cujo terreno é fertilizado com a irrigação dos ribeiros do Agro e do Pego ou Azevedo, que nascem em Curvos e vão desaguar no rio Cávado.

É nesta freguesia que fica a *Barca do Lago*, lugar afamado e muito frequentado na época do Verão, visto ser um ponto muito aprazível e umbroso, o que o torna procurado para digressões varias.

Antigamente passava-se gratuitamente de uma para a outra margem do rio, devido a um legado que fora feito à Câmara Municipal de Barcelos, com esta obrigação. Diz a tradição que naquele lugar aparecera Nossa Senhora na rede dum pescador.

No primeiro domingo de Agosto realiza-se aqui uma romaria ao Santuário de Nossa Senhora do Lago.

Os franceses quando ocuparam esta freguesia, estabeleceram neste Santuário um matadouro.

Antigamente era costume, na ocasião em que as embarcações saíam dos estaleiros de Esposende, seguirem as mesmas rio acima até junto daquele Santuário em romagem de bom sucesso.

Segundo opinião do P.^e Gomes Pereira a palavra gemeses significa Vila *germinenses*, quinta da Vila dos gémeos.

Diz uma tradição local que a primitiva Igreja Paroquial estivera do lado poente da actual e que, em certa data, fora mudada para um outro mais a nascente. Como este templo ameaçasse ruína e fosse exíguo para a população, foi acordado que se fizesse dentro do respectivo adro uma outra que satisfizesse, cabalmente, as necessidades da freguesia. Em 5 de Julho de 1736 benzia-se a sua primeira pedra. Depois desta data tem-se vigiado cuidadosamente a sua conservação. Possui dois altares, antigos, bastante curiosos e o tecto do corpo da igreja é em forma de caixotões.

Nesta freguesia além da capela de Nossa Senhora do Lago há a de *Nossa Senhora da Conceição*, construída em 1796.

O vigário que era da apresentação do Cabido da Sé de Braga, percebia 250.000 réis anuais.

Figura esta freguesia nas Inquirições de 1220 com a designação «De Sancto Michael de Gemecios», nas Terras de Nevia e nas de 1258 vem como «Parrochia Sancti Michaelis de Julmeses».

Consta que Egas Moniz na sua passagem para Leão afim de cumprir a promessa feita ao rei daquele país por D. Afonso Henriques ter faltado à palavra dada de que prestaria vassalagem a seu primo, pernoitara numa pousada que aqui existira.

Diz-se nas «Memórias Paroquiais» de 1758 que junto à margem do rio Cávado e num campo que confina com o lugar de Fão, se encontram elevações cobertas de mato, com suas cavidades, conhecidas na tradição por *muros* de Fão, que denotam ser restos da fortificação do rio ou da estrada que por ali passava.

MAR (S. Bartolomeu)

É das mais lindas freguesias do concelho, distando da sua sede 5 quilómetros.

É atravessada pela estrada de Viana do Castelo ao Porto.

Fica situada numa vasta planície, confrontando do Norte com a freguesia de Belinho; do Sul com



Entrada sul da freguesia

a das Marinhas; do Nascente com a de Vila Chã e do Poente com o Oceano Atlântico.

Alguns cursos de água fertilizam os seus campos que são bastante produtivos.

Tem uma praia de banhos que na época de Verão é muito frequentada por aqueles que apreciam o sos-

sego e desejam descançar das fadigas quotidianas. Dista do centro da freguesia cerca de 1 quilómetro.

Um pouco ao Norte da praia sobressaem da água uns recifes que os pescadores designam por «Camboas».

Um Breve Apostólico de Pio VII, concedeu não só ao povo desta freguesia como aos das Marinhas e Belinho o indulto da apanha do sargaço aos domin-



Centro da freguesia

gos, com excepção dos que coincidissem com as quatro grandes festas do ano: Ano Novo, Corpo de Deus, Todos-os-Santos e Natal.

Houve aqui um mosteiro de monges beneditinos que em 1550 se uniu ao convento de Palme, da mesma Ordem. Cabia ao D. Abade deste cenóbio a apresentação do Vigário que percebia 150.000 mil réis de côngrua e o pé de altar.

Da sua primitiva igreja hoje pouco resta. Apenas se conservam de pé alguns panos de paredes e a fachada onde, sobre a porta principal, estava uma interessante rosácea.

A actual Matriz foi construída entre os anos de 1909-1912. É um templo amplo que se destaca pela sua altura e pelas linhas e altares em estilo moderno.

No dia 24 de Agosto realiza-se aqui uma importante e concorrida romaria, sendo costume osromeiros, que vêm de perto uns e outros de terras muito distantes, irem à praia banhar os seus filhos. A este banho, ao qual o povo chama *santo e diz valer por sete*, são atribuídas entre outras virtudes *as das crianças perderem o medo, de não ficarem gagas ou epilépticas, de se tornarem mais inteligentes mais alegres e sãdias*.

Muitas pessoas também dão banho ao gado *para que este fique livre de maus olhados ou de doenças graves*.

Além da romaria também se realiza uma feira, de três dias de duração, a que barracas de diversões, quinquilharias, etc., dão colorido e alegria.

Nesta freguesia nasceu a 25 de Julho de 1806, António Rodrigues Sampaio, jornalista, deputado, ministro e presidente do Conselho, que muito se evidenciou nas campanhas liberais de 1832 a 1834.

No dia 1 de Novembro de 1828, quando se dizia a missa, surgiu nesta freguesia uma força sob o comando de um oficial. Entrando na Igreja, prendeu o padre e o seu ajudante, António Rodrigues Sampaio, aquele que mais tarde havia de notabilizar-se.

Deu origem a esta prisão o facto de terem manifestado as suas ideias liberais.

Debaixo de escolta, o padre seguiu para a prisão eclesiástica que então havia em Braga e Rodrigues Sampaio recolheu ao Aljube, do Porto.

Nas *Inquirições* de 1220 figura esta freguesia com a designação «De Sancto Bartolomeu de Villa d'Atam», de Terra de Nevía e nas de 1258 se diz «in parochia Sancti Bartolomei de Vila d'Aton».

No Censo da População do ano de 1527 é designada por *São Bartolomeu das Marinhas* e, mais tarde, de *São Bartolomeu do Mar*.

Há divergências quanto à designação da palavra *Mar*.

Uns afirmam que é palavra árabe, corrupção da voz siríaca *moro*, que quer dizer Divino, Santo, Deus, Senhor, correspondendo ao latim *Divus*. Os cristãos siríacos maronitas denominam de *moro* os seus bispos

e judeus e apelidavam de *mar* os doutores da lei mosaica que habitavam fora da Terra Santa.

Porém, é mais de admitir que a origem do seu nome provenha da sua situação junto ao mar.

Quando das invasões francesas, as tropas de Napoleão cometeram desmandos nesta freguesia.

Como na ocasião da ocupação tivesse falecido um soldado o povo opôs-se, tenazmente a que o enterrassem no adro da igreja. Em face desta reacção foi sepultado num campo no lugar do Monte de Baixo.

Uma tradição local diz que a imagem do padroeiro da freguesia — S. Bartolomeu — apparecera na praia, de Camboas e que nuns terrenos denominados do Ramalho se construira uma capela para recolher a imagem.

Esta lenda pode ter fóros de veracidade por se saber que devido à iconoclastia suscitada pela Reforma em Inglaterra, as imagens dos santos, existentes nas igrejas, foram lançadas ao mar e por vezes recolhidas por marítimos estrangeiros.

MARINHAS (S. Miguel)

É uma das mais pitorescas freguesias do concelho, ficando situada junto à costa e distando 3 quilómetros da sede do concelho.

As suas confrontações são: do Norte, com a freguesia de Mar; do Sul, com a Vila e a freguesia de Gandra; do Nascente, com Vila Chã; e do Poente com o Oceano Atlântico.

É servida pelas seguintes estradas: Viana—Porto e por um ramal que, partindo do desta, vai por Góios ligar à estrada de Esposende—Braga, e por outra que atravessando o lugar da Gatanheira e a freguesia de Vila Chã, vai juntar-se com a da Barca do Lago—Barrozelas.

A freguesia é irrigada pelo ribeiro do Peralto, que nasce em Vila Chã e vai desaguar em S. Bartolomeu do Mar, no Oceano Atlântico.

Tem seis fontes públicas: Rio de Moínhos, Telha, Caganita, Pinhotes, Outeiro e Góios.

Na freguesia há azenhas e moínhos de vento, de moer cereais. Há também alguns engenhos de moer linho.

É muito fértil em produtos agrícolas e tem algumas indústrias, sobressaindo dentre elas a de lacticínios.

Conforme o seu nome indica, houve aqui salinas. Nos seus primitivos tempos esta freguesia chamava-se S. Sebastião de Zopaes, visto ter este mártir por orago.

Nas *Inquirições* de 1220, figura com a designação « De Sancto Michaeli de Zopães », de Terra de

Nevia; nas de 1258, 1.^a Alçada, se diz: « in parochia Sancti Michaelis de Zopaes », e no Censo da População, de 1527 vem com o nome de « Sam Miguel de Marinhas ».

Esta última designação foi-lhe dada em razão de suas marinhas de sal, que eram importantes.

Em 7 de Maio de 1385 o arcebispo de Braga D. Guilherme, a pedido do pároco de Cepães, encarregou Pedro de Margaride, cônego da Sé de Braga e Guilherme Gaidelli da Ordem Clunianense, de anexaram a esta freguesia a de Gandra.

O P.^e Gomes Pereira diz que Marinhas é um substantivo comum que, significando *beira-mar*, *costa do mar*, *salinas*, etc., se transformou depois em substantivo próprio.

A freguesia de Marinhas foi, eclesiásticamente, uma das maiores do concelho, pois abrangera todo o território da costa até ao rio Cávado, ou seja uma extensão de 8 quilómetros.

A primitiva Igreja Paroquial de Marinhas por não satisfazer as necessidades da população foi primeira e segunda vez substituída. É de crer que pelas obras em curso venha a ser um templo grandioso.

Na freguesia há as seguintes capelas: *S. Bento*, no lugar de Pinhotes, que data do século xvii; *Coração de Maria*, do século xix; *S. Sebastião*, no lugar de Cepães, junto à estrada de Viana-Porto; *S. Roque*, em Goios, do século xvii; *S. João*, no Monte; *Senhora das Neves*, no sítio de Rio de Moinhos, possuidora de 3 altares estilo renascença e cuja data é do século xvi e *Senhora da Saúde*, no sítio do Outeiro, construção de 1849, ampliada e reedificada em 1889, e onde, anualmente, no dia 15 de Agosto, se realiza uma importante romaria.

O reitor era da apresentação do Cabido da Sé de Braga e percebia 150.000 réis de rendimento anual.

PALMEIRA DO FARO (Santa Eulália)

PALMEIRA DO FARO vem nas *Inquirições*, de 1220, com a designação «De Sancta Eolalia de Palmeira», nas Terras de Nevia.

Foi um couto e Honra muito antigo, pois assim figura no ano de 1258. Tanto o couto como a Honra passaram para as freiras do Convento de Santa Clara, de Vila do Conde, por estas os terem emprazado à família Gajo ou Gayo.

Era vigairaria da apresentação do Arcebispo de Braga e Comenda da Ordem de Cristo.

A freguesia é plana e fertiliza-a o ribeiro do Pego ou Azevedo, que nascendo em Curvos vai desaguar no Cávado.

É atravessada pelas estradas Braga—Esposende e Barca do Lago—Barrozelas.

Para abastecimento da população possui cinco fontes públicas: Terroso, Eira de Ana, Palmeira, Sousão e Três Bicas.

Ao Norte desta freguesia ficam os montes do Faro e de S. Lourenço que a dividem das freguesias de Vila Chã e Curvos, confinando do Sul com as de Gemeses e Gandra, do Nascente com a de Vila Cova, do concelho de Barcelos, e do Poente com a de Marinhas.

Tem as seguintes capelas: *Santo Antão do Monte*, no lugar de Palmeira, antiga, defronte do qual se vê um interessante *cruzeiro memorial*, do feitio dum pórtico, de seis colunas, com capitéis e que pertenceu ao convento do Banho; *Casa da Torre*,

que nos seus princípios foi pertença dos Viscondes da Fervença; *Senhora dos Desamparados*, no lugar de Terroso; e a de *Nossa Senhora de Lourdes*, em Cima de Vila, construída em 1905.

Dizem que a etimologia da palavra *Palmeira* provém de *peregrino* ou *estrangeiro* ou seja, na baixa latinidade, *Palmarius*, *Palmatus*. É esta designação deriva dos peregrinos da Terra Santa que regressavam às suas pátrias trazendo com eles um ramo de palmeira, como sinal de ter findado a sua peregrinação. Desta feita ficaram os peregrinos a chamar-se *Palmeiros*. Esta obrigação de trazer palmas era imposta pelos senhores das terras aos seus colonos.

Faro deriva de *farol* ou *facho* que era costume acender-se no cume dos montes, perto da costa, para orientar as embarcações.

A Igreja Paroquial é de estilo clássico. Defronte da porta principal, do lado de fora, está uma sepultura que tem a inscrição seguinte: «Aqui jaz Pedro, um grande pecador; pede pelo amor de Deus uma Avé-Maria.»

Vem a propósito referir que noutros tempos as sepulturas quedavam fora, à entrada das igrejas.

O povo conhece esta sepultura pela de D. Sapo, e pretende ver a lenda que com mais insistência e presumibilidade corre em Cardielos, freguesia da Ribeira Lima e que se baseia afinal no conhecido tributo das donzelas *terem de dormir no dia em que casavam* com o Senhor da Terra ou do Castelo, onde este existisse.

Pedro Felgueiras Gajo — assim se chamava o personagem sepultado nesse jazigo e que o povo alcunhou de D. Sapo — aparece-nos através do seu testamento como sendo boa pessoa, piedoso, crente, esmoler e benemérito. Neste documento pede «que seu corpo seja amortalhado com o hábito de S. Francisco e pobrememente sepultado no adro da Igreja de Palmeira, defronte da Porta» e que «os ossos de sua mãe, que havia sido sepultada na Capela-mor da dita Igreja, sejam juntos ao seu corpo e que mais ninguém seja sepultado consigo em todo o Tempo do Mundo.»

Deixou um legado para que aos domingos e dias Santos, ao nascer do Sol, se rezasse uma missa em substituição da da manhã, de maneira a « que os fregueses não pagassem as meias razas »; esta missa seria rezada pelas almas de seus pais e sua; e « não sendo necessarias a estas, fossem pela alma dos descendentes de sua familia e geração mais chegada. » Para esta missa instituiu a esmola de 150 réis, então importante. Depois da missa era lido responso junto da sepultura.

São curiosos os termos do testamento pelo qual liberta criados escravos e beneficia pobres.

Este piedoso benfeitor era de uma familia de nobreza de que restam ainda hoje descendentes.

Na *Casa do Cuco*, no lugar de Eira de Ana, há uma sepultura cavada em pedra, que o povo attribui ser do tempo dos romanos.

Em 1808 estiveram ali acampadas as tropas francesas do comando de Soult que praticaram muitas violências para com os moradores, lançando fogo às casas e violando as mulheres que pelo caminho encontravam.

Grande parte dos habitantes, transidos de medo, fugiram para o alto do monte do Faro, onde as tropas francesas os perseguiram atirando-os de roldão pelos desfiladeiros e fuzilando outros.

RIO TINTO (Santa Marinha)

DISTA 9 quilómetros da sede do concelho e 2 da margem esquerda do rio Cávado.

É servida pela estrada de Viana — Porto, à qual está ligada por uma pequena derivação.

A freguesia esplanase em grande parte sem acidentes topográficos e confronta do Norte com o rio Cávado, do Poente com a de Fonte Boa, do Sul com a de Barqueiros, e do Nascente com as de Vila Seca e Fornelos, todas três do concelho de Barcelos.

É banhada pelo ribeiro de Zarague, que nasce na freguesia de Vilar de Figos, do concelho de Barcelos e, junto com outros, vai desaguar no rio Cávado, no lugar do Marachão. Este ribeiro, ao banhar a freguesia, toma o nome de Rio Tinto.

Também a banha o ribeiro de Cantim, afluente daquele, que nasce em Vilares.

É abastecida de água pelas fontes de Santa Marinha, da Cachada e da Mina.

Os seus campos são de grande fertilidade, produzindo boas hortaliças, tomates, batatas, alhos e cebolas. É também abundante em caça e cria-se bastante gado bovino, ovino, caprino e suíno.

A freguesia divide-se pelos lugares da Igreja, Aldeia, Paço, Talhos, Santa Marinha, Jouve, Rio Tinto, Estrada, Capela e Castro.

Há ainda nesta freguesia o lugar de Marachão que merece referência especial, por possuir abundante arvoredado e três lagoas onde crescem e se desenvolvem lindos nenúfares e narcisos. Sítio admi-

rável para se passarem alegremente umas horas em tarde calmosa e onde os namorados em doce idílio podem acalentar os seus sonhos de amor...

No lugar do Marachão existiram uns armazéns de sal, um forno de cal e uma fábrica de tintas que, com o decorrer dos anos, terminaram. Hoje apenas existem dois engenhos de serração de madeiras e algumas azenhas, tudo movido pelas águas do ribeiro Rio Tinto.

O nome da freguesia provém do ribeiro.

Na descrição de Fonte Boa encontrará o leitor a razão porque lhe chamam Rio Tinto.

Nas *Inquirições* de D. Afonso II, de 1220, figura com a designação « De Sancto Martino de Rio Tinto » nas Terras de Faria.

A freguesia, segundo se lê no « Céu Aberto na Terra, História das Sagradas Congregações », do P.^e Francisco de Santa Maria, foi da apresentação do mosteiro beneditino da Várzea, em alternativa com o Cabido da Sé de Braga; mas, como o convento fosse extinto nos meados do século XIV, passou a apresentação e alternativa para o convento de S. João Evangelista, de Vilar de Frades.

Na Igreja Paroquial datada de 1713, existe um altar de Nossa Senhora do Rosário, que é muito apreciado pela sua antiguidade.

Antes desta igreja existiu uma outra no mesmo local.

O cruzeiro da freguesia, em estilo gótico, é uma obra de grande valor artístico.

Além da Igreja Paroquial existe a capela da Casa dos Azevedos, sob a invocação de Nossa Senhora da Alegria. Possui um pequeno altar em estilo renascença.

O monte do Castro, donde se disfruta lindo e vasto panorama, faz parte desta freguesia.

VILA CHÃ (S. João Baptista)

FICA situada em terreno elevado — monte de Figueiró — a 5 quilómetros da sede do concelho e a 2 da estrada de Barcelos — Viana, à qual está ligada por uma pequena derivação.

Vila Chã confronta pelo Norte com Antas e Forjães, pelo Sul com Palmeira do Faro, pelo Nascente com Palme e Feitos, ambas do concelho de Barcelos, e pelo Poente com Marinhas e Mar.

Fertiliza-a o ribeiro da Abelheira ou Chouso que, nascendo nesta freguesia, vai desaguar no Oceano Atlântico, junto a Marinhas.

Como o seu nome indica a freguesia assenta em terra plana no cimo daquele monte.

Figura nas *Inquirições*, de 1220, com a designação «De Sancto Johanne de Villar Plano», nas Terras de Nevias; e nas de 1258 se diz: «In parochia Sancta Johannes de Vilar Chão».

A primitiva Igreja Paroquial esteve no lugar das Cortinhas, mas como ameaçasse ruína resolveu a freguesia edificar a actual, que fica situada no centro da chã. É um templo amplo que tem de notável o altar-mor, em estilo renascença. Aqui se realizam duas importantes festas: a de S. João Baptista e a da Senhora da Assunção. A freguesia tem apenas uma capela no cimo do monte de S. Lourenço, sob invocação deste santo e, onde, no dia 10 de Agosto, de cada ano, se realiza concorrida romaria. A capelinha sobressai, na sua alvura, no alto daquele monte, que se levanta a Poente.

No mesmo monte existe um pequeno penedo, com uma cavidade, onde se deposita água *que o povo diz ser do influxo das marés*. O povo atribui a esta água, entre outras, a *qualidade* de sarar as feridas *crônicas, como a inflamação dos olhos*; e a *de curar as cólicas* a quem a beba.

É conhecido, aquele depósito, pelo nome de *Fonte da Virtude*.

Ainda há poucos anos, muitas pessoas dos concelhos limítrofes vinham buscar aqui aquela água *para curar os seus males*.

Do alto do monte disfruta-se vasto horizonte sobre o mar, e que se estende desde Marinhas até Vila do Conde. O litoral composto de campos dão-nos a impressão dum verdadeiro jardim; maravilham o viajante.

Há bastantes anos, numas escavações que se fizeram, foram encontradas várias moedas romanas de ouro e cobre. Também aparecem, em diversos sítios, penedos e lages com cavidades em forma de pequenas pias redondas — o que parece ser indício de por aqui habitarem antigos povos da Península.

Estes escolhiam de preferência os pontos mais elevados para, mais facilmente, vigiar os escravos e povos a eles submetidos, no cultivo das suas Terras e ainda para melhor observar o inimigo.

O distinto arqueólogo Martins Sarmiento, refere-se a *antas* e *antelas* na respectiva freguesia e a moinhos de mão, triviais nas estações pre-históricas.

Um pouco ao norte da capela de S. Lourenço vê-se um aglomerado de terra e pedras de que podemos supor a existência de uma mamoa.

Também aqui há vestígios de um *castro* romano: restos de parede, fragmentos de ânforas, telha de rebordo, tijolos, etc.

Entre os povos destas imediações circulam várias lendas entre as quais a seguinte:

Ao Norte da capela de S. Lourenço e a meio do monte, existe um buraco, com feitiço de gruta, sob um penedo que designam por *Penedo da Feiticeira*.

A pessoa que tenha a má sorte de ver a feiticeira, fica assustada para sempre, na crença popular.

Teotónio da Fonseca, a propósito desta lenda, diz que há muita gente que acredita ou finge acreditar nela, aproveitando-a para fins inconfessáveis.

E diz mais:

«Que certo feitor de uma quinta da freguesia de Marinhas, quando o senhorio, de visita às suas propriedades, se dirigia para o sopé do monte, contava-lhe sempre invariavelmente a história do aparecimento de uma grande cobra de trança de cabelo na cabeça com o fim de o fazer desistir de subir a encosta para ver umas bouças que possuía já nesta freguesia.

O patrão geralmente ouvia, calava, sorria e, como o caminho era íngreme e escabroso, dava uma volta e recolhia a casa.

Uma vez, porém, enchendo-se de coragem subiu até lá cima.

Ao chegar às suas propriedades grande foi o seu espanto ao vê-las despovoadas dos melhores pinheiros!

De nada serviu então ao feitor a história das mouras encantadas e cobras com cabeleira.»

ERRATAS

PÁG.	LINHAS	ONDE SE LÊ	DEVE LER-SE
5	5	«Póvoa do Varzim»,	Póvoa de Varzim.
7	14	«abasta-se a fora de milho»,	basta-se afora milho.
21	43	«molito»,	monolito.

ÍNDICE

	PÁGS.
O Concelho	5
O nome de Esposende	8
Resenha histórica	11
A Vila	17
A sua gente e cultura intelectual	27
Antas	31
Apúlia	33
Belinho	39
Curvos.	41
Fão	43
Fonte Boa	51
Forjães.	55
Gandra	59
Gemeses	61
Mar	63
Marinhas	67
Palmeira do Faro	69
Rio Tinto	73
Vila Chã	75

ESTABELECIMENTOS DE ENSINO,
COMÉRCIO, INDÚSTRIA
E
HORÁRIOS DAS CAMINHETAS

GRÉMIO DA LAVOURA DE

ESPOSENDE

Largo Sacadura Cabral, 7

Telefone 89243

DIRECÇÃO:

Presidente e Gerente :	José Gonçalves Pereira de Barros
Tesoureiro :	Luís da Pena
Secretário :	José Inácio Lopes Rodrigues da Areia
Guarda-Livros :	Manuel Arménio da Silva Correia
1.º Escriturário :	Francisco Aristides da Rocha Enes Torres
2.º Escriturário :	Manuel Rodrigues Ferreira
Chefe de Armazém :	José Gonçalves Pereira de Barros
Caixa :	Mário Fernando da Rocha Enes Torres

FOTOGRAFIA CENTRAL

Fotografias em todas os géneros. — Ampliões. — Esmoltes.
Trabalhos para Amadores.

DE **Jorge Domingos Vieira**

ESPECIALIZADO EM FOTOGRAFIA A CORES

Rua 1.º de Dezembro, 37 — ESPOSENDE

GARAGEM VINHA

ESTAÇÃO DE SERVIÇO

TELEFONE 89.244

Agente dos motores para
bicicletas **CUCCIOLO**

dos afamados óleos **TRITON**

Acessórios para automóveis — Pneus —
— Lavagem, Lubrificação e Recolha
de Automóveis. **ESPOSENDE**

PIENSÃO REGO

RESTAURANTE, MERCEARIA e VINHOS

DE

Artur Boaventura Rego

Largo Tomaz Miranda

Telefone 89213 — ESPOSENDE

A COMPETIDORA

GARAGEM DE BICICLETAS

DE

António dos Santos Moreira

BICICLETAS. ACESSÓRIOS. REPARAÇÕES.

Rua 15 de Agosto — Telef. 89245

ESPOSENDE

BOLACHAS — CHOCOLATES
VINHOS FINOS — LICORES
: : : CHAMPAGNES : : :

PASTELARIA E CAFÉ

A PRIMOROSA

Esta casa impõe-se pela apresentação e
esmero no fabrico das finíssimas Cla-
rinhãs e outros doces regionais :

Serviços para casamento, baptizados e soirées

João G. Ferreira

Praça do Município — Telefone 89228

ESPOSENDE

FARMÁCIA MONTEIRO

Rua 1.º de Dezembro

ESPOSENDE

ANTERO DOS REIS GOMES

Advogado

Esposende

VAI A VIANA?...

Tome o seu café ou lanche no

Café Bar

O melhor e mais
bem frequentado de

VIANA DO CASTELO

Praça da República — Telefone 18

ANTIGO ESTABELECIMENTO

DE

Inácio Agra Fernandes Eiras

MERCEARIA ♦ VINHOS

Tabacos ♦ Miudezas ♦ Sal

Tintas ♦ Ferragens

♦ Adebos Químicos ♦

Materiais de Construção

♦ ♦ Vidros ♦ ♦

Apúlia — Esposende

CAFÉ

1.º de Maio

O melhor da

APÚLIA

FARMÁCIA GOMES

Dir. Técnica:

Isabel Maria Quaresma Gomes

TELEFONE 89237

Rua 1.º de Dezembro, 16 e 18

ESPOSENDE

FÁBRICA DE SERRAÇÃO, CARPINTARIA E MOAGEM

DE FÃO

Madeiras serradas para caixas e construção.
Trabalhos de Carpintaria por orçamento.

Sede:

SERRAÇÕES REUNIDAS, S. A. R. L.
VIANA DO CASTELO

TELE

GRAMAS: Sede - MADEIRAS

FONES: Sede - 85

FÃO - 89272

GRÊMIO DO COMÉRCIO

DE

ESPOSENDE

Largo do Marquês de Pombal, 3



DIRECÇÃO:

Presidente: João Gonçalves Ferreira

Secretário: João Conde Evangelista

Tesoureiro: João Baptista de Sá

Antônio Gonçalves Duarte

SERVIÇO DE TRANSPORTES EM
FOURGONETE E CAMIONETES DE CARGA
DESDE 500 KLG. A 6.000 KLG.

Rua Rodrigues de Faria

TELEFONE, 89230

ESPOSENDE

Teatro e Cinema Clube

DE

ESPOSENDE

Empresa: **ARMANDO FARIA**

Largo Dr. Fonseca Lima

ESPOSENDE

CASA LOSA REGADO

DE

Laurentino Regado de Carvalho

FAZENDAS. — PANOS BRANCOS. — CHALES.
COBERTORES. — MALHAS. — ATOALHADOS.
— GUARDA-SÓIS. — CALÇADO DE AGASALHO.
: : : LÃS. — MIUDEZAS : : :

Largo do Dr. Fonseca Lima

ESPOSENDE

Auto-Viação do Minho, Limitada

Avenida Combatentes da G. Guerra - VIANA DO CASTELO - TEL. 34
 Escritório no Porto: Praça D. Filipa de Leizastre, 170 - Tel. 21152
 Carruagens diárias de comboios entre VIANA E PORTO
 Escritório das carruagens: VIANA-ARCOS e VIANA-BRAGA

HORÁRIO

	Cheg.	Part.	Cheg.	Part.
Viana do Castelo	—	8,00	—	12,10
S. Romão de Neiva	8,24	8,24	12,34	12,34
S. Paio d'Antas	8,33	8,33	12,43	12,43
Esposende	8,50	8,51	13,00	13,01
Fão	8,56	8,57	13,08	13,07
Navais	9,20	9,20	13,30	13,30
Póvoa de Varzim	9,32	9,33	13,42	13,45
Vila do Conde	9,42	9,42	13,52	13,52
Moreira da Maia	10,10	10,10	14,20	14,20
Porto	10,35	—	14,45	—

	Cheg.	Part.	Cheg.	Part.
Porto	—	17,00	—	19,30
Moreira da Maia	17,25	17,25	19,55	19,55
Vila do Conde	17,53	17,53	20,23	20,23
Póvoa de Varzim	18,00	18,03	20,30	20,30
Navais	18,15	18,15	20,42	20,42
Fão	18,38	18,39	21,05	21,05
Esposende	18,44	18,45	21,10	21,10
S. Paio d'Antas	19,02	19,02	21,27	21,27
S. Romão de Neiva	19,11	19,11	21,36	21,36
Viana do Castelo	19,35	—	22,00	—

Não se efectuam aos domingos e no dia 25 de Dezembro
 Autocarras de luxo para excursions - Automóveis e Caminhetas de aluguer - Transportes de carga para todo o País - Gasolina, Óleos, Acessórios, Câmaras de ar e Pneus.

IDALINO TRISTÃO ALPOIM

Agente depositário para o
 conselho de ESPOSENDE
 dos afamados adubos

ADUBEX

Agente da
 Companhia de Seguros

"O ALENTEJO,"

Azenhas da D. Prior, 316 --- Telefone 82

VIANA DO CASTELO

CASA LOSA

(Título Registrado N.º 8.242)

Telefone 89226

MERCEARIA, LOUÇAS

RÁDIOS

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

M. Loureiro Losa

Armazenista de mercearia

RUA MANUEL VIANA

Largo Dr. Fonseca Lima

ESPOSENDE

SUAVE-MAR HOTEL

(ABERTO TODO O ANO)

Telefone 89211

ESPOSENDE

O mais lindo e aconchegado hotel do Minho.
Montado com todo o
conforto moderno.

Água canalizada quente e
fria em todos os quartos.

Chaufage central
Garagem para recolha de automóveis.



A PÉROLA DAS MARINHAS

DE

Alberto Bermudes

Mercearia — Vinhos
Fazendas — Miudezas
Ferragens — Louças

ESPOSENDE

MARINHAS

A Pérola de Fão

DE

Leonardo Alves Coelho

Mercearia — Vinhos — Miudezas

ESPOSENDE

FÃO

Moderno Estabelecimento

DE

Manuel Alves Lages

Mercearia e Vinhos
Tabacos e Miudezas

ESPOSENDE — S. PAIO DE ANTAS

EXTERNATO "INFANTE DE SAGRES,"

ESPOSENDE

ENSINO LICEAL

Professorado de comprovada competência e métodos
de ensino convenientemente actualizados

DIRECÇÃO:

Dr. Agostinho da Ruá Reis

Dr. José Rodrigues Fernandes

Dr. Luis Fernandes de Figueiredo

LACTICÍNIOS DE ESPOSENDE, L.^{DA}

FABRICO DE MANTEIGA

E

== CASEÍNA ==

MARINHAS

ESPOSENDE

Serração de Forjães, L.^{da}

Madeiras de construção.

Stock permanente de tacos para parquet em qualquer madeira ou dimensão.

Casa especializada em fornecimentos e assentamentos de carpintarias em qualquer ponto do País.

Inúmeras obras oficiais e particulares atestam a sua boa execução e qualidade de fabrico.

Fornecem-se orçamentos.

Forjães

Esposende

100

1



BMMB



34740000108

ESPOSENDE

Biblio
Manuel